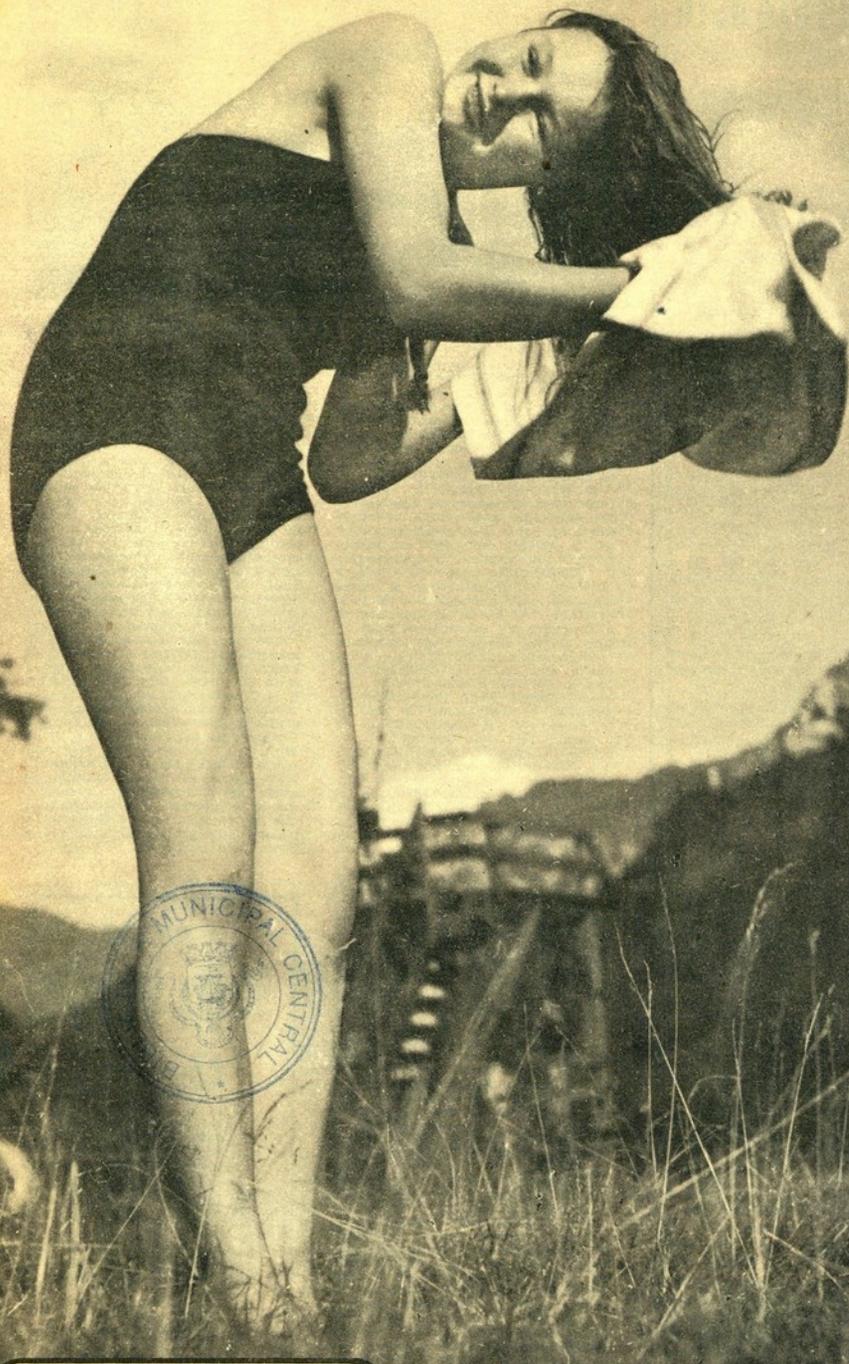


Oleia  
-0. NOV. 1998



**VIDA  
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 174  
14 DE SETEMBRO DE 1944  
PREÇO ÁVULSO ESC. 1\$50

*Setembro borrasqueiro ainda nos oferece  
dêstes quadros magníficos...*

# ILUSTRADA

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

## NÊSTE NÚMERO



Aos estúdios de Rádio Peninsular, o público gosta de acorrer para ouvir os seus artistas favoritos  
(Ler entrevista na pág. 4)



Michel Simon regressou ao teatro e conversa com o autor Eugène Gerber e o ensaiador Beaulieu  
(Ver notícia na pág. 5)



Oswaldo Aranha, o ministro das Relações Exteriores do Brasil que acaba de demitir-se, ladeado pelos ministros da Marinha e da Guerra  
(Referência nas páginas centrais)



As crianças de hoje são os homens de amanhã. O que fazem os ingleses para tornar melhor a sociedade futura?  
(Explicação nas páginas centrais)

Actualização da consciência

E' certo que o tempo vai difícil e não quer nada com relações. O pânico vem do alto, onde os astros se chocam e entrecrocam...

Que admira, portanto, que, neste vale de lágrimas, o homem siga o exemplo dos astros, dos grandes satélites, perca a vergonha e a linha de conduta até à consumação...

Se o pânico, o exemplo, vem dos astros, corpos colocados em planos superiores ao nosso planeta e a nós próprios, portanto, o homem busca nessas vozes erguidas acima da mortalidade...

Porque hoje já não valendo no mercado das relações humanas aquela honrada palavra de D. João de Castro que empenhava barbas como quem hipoteca a última camisa...

Se o mundo continua a dar-nos o espectáculo desolador dos que, no comércio, na indústria, na vida privada, são vira-casacas...

O mundo, é certo, passa por uma terrível convulsão. As forças do mal revestem-se de múltiplas sutilezas para vencer e reformar a face da Terra...

Em compensação, todos terão a consciência muito mais actualizada e os homens passarão a proceder com muito mais desafogo...

Virá, deste modo, o triunfo do materialismo sobre as forças espirituais que sempre comandaram as acções dos homens...

MANUELA DE AZEVEDO

FALA-SE ESTA SEMANA

AUGUSTO CASIMIRO



Os poetas hindus e, em especial, este Rabindranath Tagore, de longas barbas brancas e aspecto macerado...

CHARLES GORLIER

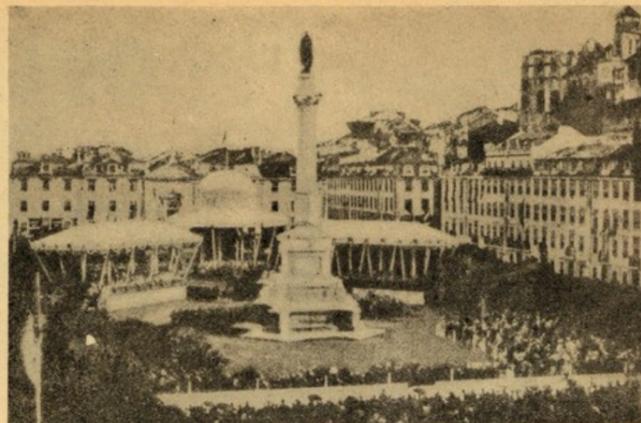


Entre os muitos franceses amigos de Portugal, Charles Gorlier ocupa um lugar especial...

JOAQUIM PAÇO DE ARCOS



A Parceria António Maria Pereira acaba de editar a última produção literária de Joaquim Paço de Arcos...



Quando o Rossio recebeu, festivamente, a estátua de D. Pedro IV

FOI a 17 de Junho de 1852, que, com grande luzimento se realizou a cerimónia do lançamento da primeira pedra para a inauguração do monumento a D. Pedro IV...

Foi o duque de Loulé — dez anos depois de ter sido lançada a primeira pedra, que, como presidente do ministério arranjou, por carta de lei de 2 de Junho (1862) receita para que o monumento fosse completado...

O monumento sofreu logo, com a nova comissão, uma transformação radical. O «galheteiro» foi arrancado — e abriu-se novo concurso, com cinco prémios...

Uma nota curiosa: a comissão escolheu o granito do Pôrto, para base do monumento, como homenagem àquela cidade, que tanto se bateu pela causa do liberalismo...

monumento. Levantaram-se grandes tribunas na praça. As tropas desfilaram, em continência, diante do monumento. Assistiu toda a família real e o corpo diplomático...

A REPORTAGEM DA SEMANA

Um amigável desafio de foot-ball, entre solteiros e casados

«S «diabólicos do ritmo», velha sociedade de dança, organizaram entre os associados um amigável desafio de bola...

resolveram alinhar de qualquer maneira. — Mas olhe, «seu» Paulino, nisso de bostas «boquemecé» meteu-me a mim? O Crispim fez schiu! Que não queria «sujeiras»...

campo, o jogador expulso, calçou-as, fazendo depois um gesto com os dedos atrás da orelha. Percebi que era o melhor jogador dos solteiros...

A cidade e os jardins

O encanto das cidades está nos canteiros floridos — nos imensos jardins, refúgio das almas, celas de meditação. Porque a cidade é a balbúrdia, o acotovelamento, esse nervosismo dinâmico...

Todos os dias se queimam as mais doces quimeras. Ninguém acredite nas obras do acaso. Somos nós que vamos, como o lavrador, lançando na terra as sementes do nosso destino...

MANUEL MARTINHO

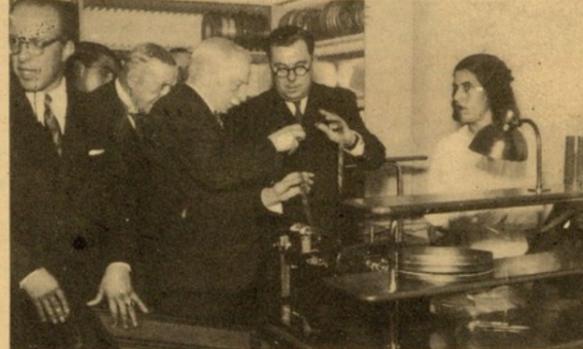
NOTAS RÁPIDAS



Em São Roque, efectuou-se uma cerimónia religiosa para recordar a memória do conde Jordana, recentemente falecido. Assistiram o sr. Presidente do Conselho...



O país conta desde há dias com um novo Governo, presidido igualmente pelo sr. dr. Oliveira Salazar. Este eminente homem público pode assim assegurar a continuidade da sua política de reconstrução nacional...



Dando-nos mais uma prova do interesse que lhe merece o desenvolvimento do cinema português, o senhor Presidente da República visitou as instalações da Lisboa-Filme...



Os expositores da Feira Popular de Lisboa reiniram-se há dias num banquete de confraternização. E desse banquete o aspecto fotográfico que publicamos. O acto, que constituiu uma homenagem muito merecida aos organizadores do grande certame...



O estúdio grande de Rádio Peninsular



Fernando Laranjeira

## VIDA MUNDIAL ILUSTRADA OUVIU "RÁDIO PENINSULAR"

com boa visão dos problemas, sabe o que quer e tem esperanças. Isto, que pode não parecer muito, é o material suficiente para traçar um programa, e mais do que isso: para o realizar.

— As estações centralizadas vivem com grandes dificuldades — diz-nos. E pretendem cumprir o melhor possível, se bem que nem sempre o consigam.

As realizações de Rádio Peninsular são vastas e algumas delas de grande valor. Ultimamente adquiriram, por compra, estações emissoras, pelo que, agora, Rádio Peninsular pode entender o seu programa a três períodos. Na sua bela sala tem-se realizado emissões de variedades, com bastantes artistas. Além disso, têm organizado emissões de teatro ao microfone (Fernando Laranjeira não lhe quer chamar teatro radiofónico), mas a principal actividade tem consistido na retransmissão de peças e revistas dos próprios teatros.

Deixamos Fernando Laranjeira falar:

— Agora fazemos, também, retransmissões do «bars Cristal» do Café Nacional e da Cervejaria Luso.

— O programa de fados tem muitos ouvintes? — pergunta o repórter. — Se tem! Quando falhamos uma retransmissão destas, o telefone nunca mais se cala.

— Mais projectos?

— Sim. Estamos montando uma linha para o teatro Avenida e outra para o Conservatório, e pensamos ainda manter mais uma: para o teatro de S. Carlos e D. Maria.

O repórter diz com certa ironia:

— Não ficar com o monopólio das retransmissões dos teatros.

Resposta pronta:

— Não queremos monopólios! Queremos apenas dar ao público bons programas. O nosso lema é este: «Mais e melhor», com que pretendemos bem servir a radiodifusão e o público ouvinte, embora para isso tenhamos de fazer grandes sacrifícios, como até aqui.

— E gravações? — pergunta o repórter.

— Temos aparelhagem adquirida por nós, o que nos permite gravar qualquer trecho de música. Construímos, há pouco, dois destes aparelhos, melhores, de modo que podemos gravar e transmitir uma peça inteira sem uma interrupção.

Fala-se dos artistas conhecidos que saíram de Rádio Peninsular.

«Vida Mundial Ilustrada» começa, neste número, e, depois, em números alternados, uma série de entrevistas que se propôs fazer aos nossos postos centralizados. Um a um, todos serão ouvidos, e a ordem das entrevistas não significa qualquer preferência nossa por este ou por aquele posto, mas sim mera oportunidade.

Não nos move outro interesse que não seja a defesa da nossa Rádio. E quem melhor do que os pequenos postos têm contribuído, desinteressadamente, para a propagação da Rádio no nosso país?

Gostaríamos que, findas estas entrevistas, tivesse nascido uma maior comunhão entre os radiófilos e os postos. Oxalá isto aconteça — e o nosso esforço não será em vão.

**R**ÁDIO Peninsular está instalado na rua da Voz do Operário, no n.º 64, onde existia o Teatro Gil Vicente, pódre de velho, a cair aos pedaços. E de louvar os esforços dos dirigentes de Rádio Peninsular, que conseguiram transformar aquêle casarão sem préstimo numa esplêndida casa.

Fernando da Silva Laranjeira, com quem falámos, é um dos proprietários de Rádio Peninsular. Ele e o irmão, Amadeu Laranjeira, dois «carolas da rádio», como a si próprio se qualificam, tiveram a ideia de montar o posto em 1932, num quarto pequenino onde mal cabia a aparelhagem.

Depois, começaram a entusiasmar-se pela ideia e o posto foi conhecendo novos melhoramentos, até que passou a ocupar todo um primeiro andar. Daí até ao antigo Teatro Gil Vicente, que hoje ocupa, foi mais um salto na ascensão do Rádio Peninsular. E não ficará por ali, talvez...

O repórter fez-lhe a primeira pergunta. Fernando Laranjeira responde com naturalidade:

— Qual é a nossa ideia? Esta apenas: fazer, na verdade, radiodifusão.

Fala-se de mil coisas, todo relacionado com a Rádio. Fernando Laranjeira é um jovem, inteligente,

## Uma novidade para depois da guerra JORNALS PELA RÁDIO

**V**OLTA a falar-se, com insistência, nos jornais pela rádio. Tem sido feita demonstrações, na América, perante a Associação Nacional de Radiodispersores, sendo prevista, em Washington, a construção de aparelhos de telegrafia que transmitirão páginas de tipo, desenhos e fotografias impressas em róis de papel. Tal sistema foi delinado, já há anos, pela Rádio Corporation da América e os aparelhos destinam-se a servir de suplemento aos jornais diários.

O receptor pode, por exemplo, ser disposto a receber notícias durante as horas matutinas, fornecendo assim um pequeno jornal para a hora do pequeno almoço.

Espera-se que estes receptores conjuntamente com um receptor rádio-telegráfico vulgar colocado no mesmo móvel, possam ser vendidos aproximadamente pelo correspondente a trinta libras, quando produzidos em quantidade. Pelo menos, é essa a opinião do engenheiro Charles Goung, da Rádio Corporation.

Teremos, portanto, entre outras, mais uma esplêndida novidade... para depois da guerra.

— Por exemplo: Maria Sidónio, Lufs Escobar, etc., etc.

— Que género de programa prefere o público?

— Variadades... quando são boas, naturalmente. Mas é difícil determinar o gosto do nosso público. Uns, música portuguesa; outros, música de baile; outros, música de concerto.

— Tem falta de colaboradores?

— Temos!

— De que género?

— Precisamos de gente que componha música e gente que escreva.

Aqui fica o aviso para os interessados. Se o leitor tem vocação

## À ESCUTA

Esta secção será, neste número, unicamente preenchida com os males velhos que já aqui foram registados, no devido tempo, e que, até hoje, ainda não encontraram solução:

— Continuam a ser lidas, com o mesmo enfado de sempre pela parte dos pacíficos radio-ouvintes, as crónicas dominicais que a E. N. transmite.

— Velhos e fanhosos discos que já deviam, há anos, estar conservados na parte de discoteca reservada a museu, continuam — e continuarão ainda por muitos e muitos anos — a ser transmitidos.

— Teatro radiofónico é coisa de que não vale a pena falar. Não há. E o que por aí se ouve, às vezes, com esse rótulo, não passa de diálogos. Diálogos apenas. Mais nada.

— Quando terá a E. N. uma justa tabela de pagamento aos seus colaboradores artísticos? Compreende-se que uma empresa capitalista, com muitos lucrativos, portanto, pague mais a uma fadista do que a uma cantora, porque a primeira lhe dá maior rendimento que a segunda? Agora que E. N. usa o mesmo processo, já não nos parece tão justificado. Não estão de acôrdo?

para escrever contos, novelas, actos radiofónicos, ou se tiver em si o génio da música, não hesite! Vá ao Rádio Peninsular!

A entrevista estava terminada. Fernando Laranjeira acompanha o repórter numa visita pelas instalações e, na verdade, elas são modelares. A aparelhagem, segundo nos dizem, é a que há de melhor. Tanto assim que Rádio Peninsular foi escolhido para estação centralizadora. E éle que manda para o ar o programa de todos os outros postos de amadores.

REPÓRTER UM

## Quando os artistas de cinema vão cantar à rádio

**A** QUI vemos algumas figuras nossas conhecidas do cinema, actuando para o microfone. É um quarteto notável, conhecido pelo nome de «Jack Benny e os seus amorzinhos». Neste momento estão a cantar «Vôu, borboleta, vôu», com música de Debussy transformada em «swing». Lá como cá, a moda alastra. Pobre dos compositores, que assim vêem deturpadas algumas das suas melhores páginas. Mas o público delira com estes cozinhados. A prova está que, neste concerto a que nos referimos, assistiram simplesmente quarenta mil pessoas.

Quarenta mil pessoas para ouvir Debussy, Ravel e até os pobres clássicos, como Mozart, Beethoven e Liszt, mas em ritmo «swing»... Coisas do nosso tempo...





# UM PROBLEMA MAGNO T E A T R O

## A CENOGRAFIA TEM DE OCUPAR NOS NOSSOS TEATROS O LUGAR QUE LHE COMPETE! — Diz a artista Graziella Saviotti

Os nossos leitores conhecem-na, porque já a havíamos apresentado nestas páginas. Graziella Saviotti oferecera-nos, numa primeira entrevista, em vésperas de apresentar os seus cenários em público, um amável e perfumado cartão de visita. Hoje, porém, que o público apreciou os seus trabalhos e que a jovem artista, após, de forma absoluta, a sua arte e os seus conceitos quisemos ouvi-la longamente sobre essa mesma arte que é a cenografia, e para a qual vive apaixonadamente.

Esta entrevista não será, pois, uma entrevista literária, feita ao sabor do gosto de escrever. É uma entrevista de um técnico, de um técnico, escrita depois de bem pensada. Segue a primeira pergunta:

— O que pensa da cenografia como elemento de espectáculo?

— A meu ver, a sua importância capital no conjunto do espectáculo pode colocar-se num plano de igualdade com os outros dois elementos fundamentais que são a obra e o desempenho. Não existe, de facto, espectáculo perfeito se a cenografia, e sob este nome compreendo também o guarda-roupa, não acompanha e sublinha as intenções da obra e o jogo dos actores. Os melhores que conhecemos quando temos diante dos olhos uma boa cenografia do que quando esta falta. Quanto à sua função, não lhe admito outra que não seja a de, artisticamente, sublinhar o «clima» da peça, e, tecnicamente, pôr em relevo determinadas cenas e passagens, com um jogo hábil de planos de repouso, de luzes e de cores. Qualquer sobreposição do cenário sobre a peça é condenável. Por exemplo: só quando a peça, por ser satírica, o requiera, o cenário se pode permitir fazer um plano de primeiro dever do cenário é o de tomar a sério a obra que tem de ilustrar, procurando entrar no estado de alma do autor da obra.

— Acha que a cenografia nos mereça o verdadeiro interesse de conjunto?

— Penso que começa a notar-se um certo e salutar interesse por esta parte do espectáculo. Bons cenógrafos não faltam. O que faltam são idéias claras. Tem-se medo de sair dos velhos moldes, e esquece-se que o público gosta de novidades e tentativas novas, sendo a monotonia e o cansaço os piores inimigos do teatro. Se se continuar no sistema que reduz a simples necessidade prática a construção das cenas para se poder representar uma peça, resultará que os cenógrafos ficarão quasi reduzidos a um nível de operários, de executores materiais...

— O que falta aos nossos cenógrafos para bem cumprirmos as suas funções?

— Em primeiro lugar, coragem; depois, o hábito de ver o que se faz no mundo, sem, no entanto, deixar influenciar demasiado pela moda. Depois, antes de começarem as cenas e os «figurinos» duma obra, é preciso conhecê-la profundamente para não lhes sobrepor a própria personalidade. Cenografia não é pintura, e o cenógrafo deve evitar a tentação de ser romântico, clássico, bárbaro ou frivolamente mundano, estilo 1944, sem receio de atiração a sua fé artística. Enfim, aqui e lá fora é necessária uma preparação artística, é necessário ter-se estudado.

— Acha que, como elemento de que o nosso teatro dispõe, seria possível criar uma escola?

— E por que não? Acho que devia criar-se uma escola superior de cenografia, mas não esqueço as graves dificuldades que se oporiam à realização de tão belo projecto. Está claro que, como existe duma escola mais clássicas e antigas escolas de

arte do mundo, que é a Academia de Brera, em Milão, donde saíram Miroli e tantos cenógrafos ilustres, toda a importância das grandes tradições artísticas, e custa-me a admitir que prática, selecção e bom exemplo sejam suficientes para criar uma verdadeira escola de cenografia. O bom exemplo é, no entanto, necessário, mais para os empresários do que para os cenógrafos! No fundo, as escolas italianas da especialidade consistem apenas na crítica severa ao aluno e na vigilância técnica dos mestres, deixando-se a parte artística à tendência e personalidade dos alunos, sem esquecer a formação da sua consciência profissional. Na vida prática, a técnica adquire-se muito com a experiência, a crítica dos mestres pode ser substituída pelo juízo de críticos conscienciosos; quanto à consciência profissional... em Portugal é um círculo vicioso... Enquanto os pobres cenógrafos tiverem de se contentar ao gosto ou presunção deste ou daquele, não se formará nem o orgulho profissional. Entretanto, todos os profanos que frequentam os bastidores se permitirão impor idéias, dar conselhos, criticar sem critério, desorientar e desanimar.

— Quais foram os maiores erros que tornaram possível a má situação da cenotécnica em Portugal?

— Não me sinto com conhecimentos necessários para um inquérito deste género, de forma que só posso falar de coisas que me lembro de ver e vejo. Creio, entretanto, que deve censurar-se a estranha condescendência da crítica e do público ao mau, ao convencional, ao mesquinho, feito com excessiva economia. Compreendo as reticências da crítica ao mau, mas não as indignas do seu juízo, mas, francamente, o «cenário prido» ou «a preceito» é para mim uma traição ao teatro. Um médico não deve ser compassivo se não quer correr o risco de ver morrer o doente, como está a acontecer aqui com esta pobre e abandonadíssima cenografia. E se a não defendem os críticos que são, justamente, para ver se tudo se fez, quem a ha-de defender? Os empresários, homens de negócios, que, quanto menos gastam mais se sentem satisfeitos? Enim, o outro erro veio de um simpático, raro fenómeno que são os obtidos como «regista» e até como cenógrafo por uma grande actriz portuguesa, mercê da sua natural capacidade, gosto e experiência de cenógrafo... ad honorem. Infelizmente, para não serem menos que ela, outros, desde o fim do século XIX, se permitem dar conselhos, ordens, com grande prejuízo da obra, se o cenógrafo é um bom rapaz sustenível e modesto! Dão-se autênticos crimes artísticos, neste «como», ignorados pelo público e pela crítica, e também quando tal se dá por excessiva subordinação da cenografia à marcação, e não à originária marcação do autor, e que deve ser sempre de modo a ajudar o trabalho cenográfico. Está a tomar-se a marcação como um fim em vez de um meio, quando a marcação e a marcação deveriam ir de braço dado, e não um esmagando o outro.

— Até que ponto lhe parecem justas e injustas as críticas?

— Ora bem, esta é uma das tais perguntas que fazem tremer o entrevistado. Eu, porém, posso falar sem receio, porque não tenho razão de queixas. De forma que lhe posso dizer que os críticos são demasiado bons com os cenários felos e sem pretensões de arte. Pelo contrário, são exigentíssimos, meticulosos ao máximo, até por vezes chegando à injustiça, quando aparece alguma coisa nova que represente um esforço, uma tendência para melhor. Em lugar de ajudarem, sentem-se em alguns a volúpia, a necessidade de achar qualquer coisa para criticar, nem que tenham de a inventar... Todavia, se a crítica, quisesse, podia deixar, muitas vezes, esse tom demo-

lidor que vai, sem meios tons, do elogio convencional ao juízo extremamente benevolente ou extremamente destruidor. Claro que o crítico literário não pode tomar-se de choferre técnico de pintura e arquitectura. Mas, se deixasse a pessoas da arte esse eventual exame, poderia limitar-se, como fazem os melhores, a ajudar esse a cenografia está ou não em harmonia com o clima psicológico e poético da peça. «Limitar-se», sem deixar de nos guiar, censurar, ou louvar... Os críticos estão lá para ajudar os vivos e não para só criticar os autores das peças, que às vezes já morreram há cinquenta anos e passam muito bem sem conselhos! Quanto à crítica técnica, é pietórica, desempenhá-las-las óptima, sem confundir azul com verde ou dar conselhos que fazem sorrir o artista, levando-o a desprezar outros reparos justos...

— Ainda outra pergunta: acha que os nossos artistas sabem vestir-se?

— Esta pergunta é ainda mais melindrosa! Você quer fazer-me entrar em guerra com todo o mundo do teatro! Sem lisonja: fora do palco quasi todos os artistas portugueses são elegantes. Mas poucos sabem vestir-se teatralmente. No palco, os gestos são mais acentuados, e, portanto, também, deve existir uma maneira de vestir especial. Em princípio, os artistas deveriam ver as maquetas da peça e pôr-se de acordo com o cenógrafo, antes de escolher «toilettes». Evitar-se-ão, portanto, os fatos contrastarem horrivelmente com a cena, ou serem da cor das paredes, eclipsando as actrizes da vista dos espectadores. Quanto aos homens, ou se vestem todos de

esmo, acordando visões de entêrrão, ou aparece cada um com um traje diferente; um vestindo de manhã, outro de tarde... Também em matéria de caracterizações era preciso rejuvenescer idéias e sistemas, especialmente as que teriam a intenção de fazer rir o público. Um actor cómico, se o for deveras, não precisa dos processos usados há cinquenta anos. Os maiores actores cómicos de hoje são normalmente e perfeitamente elegantes, alguns deles até — como, na Itália, Sérgio Tofano — verdadeiros árbitros da elegância masculina... no palco e na vida. O carácter ridículo do personagem resulta doutros elementos mais profundos. Agradou-me muito a este respeito, Ribeiro nas últimas comédias.

— Tenciona trabalhar, mesmo depois de terminada a temporada da Mundial Filme?

— Se tenciono! Entusiasmo não me falta, e sem preferência de géneros. Tanto me agrada ilustrar um quarto de operário como um salão de milionário, porque o primeiro pode não ter menos sabor do que o outro, e este é mais um erro que eu gostaria de combater. Mas, francamente, vale a pena darmos tantas maçadas? Neste momento, confesso não tenho muita vontade... Uma coisa é certa, dado o meu carácter: que, se trabalhar ainda, fá-lo-ei com o maior empenho e uma só divisa: servir a minha arte fielmente.

A entrevista termina aqui, por não haver espaço para mais além. Graziella Saviotti é uma grande artista. Quem melhor do que ela, entre nós, poderia ser chamada para criar a escola que nos falta nas Belas Artes ou no Conservatório?

### ÀS TRÊS PANCADAS

O teatro francês é fértil neste género de rapariguinhas jogosas, inseparáveis do luxo, e de uma casta perfida. Em «Duas gerações», a peça de Bernstein, representada no Avenida, Rosita é também uma dessas bonecas de carne que vêm a descobrir o coração ao pé da boca. A saída do espectáculo, uma senhora, género burguesa bem vestida, perguntava ao marido: — «Gostaste?» — «Gostei do desempenho. Da peça, não, que não fica a dever muito à maia». E tossiu para o lado... Realmente, o caso não se resolve «à portuguesa», com chispalhada e todos os matadores — mas a acção da peça passa-se na França que prepara a derrota de 1940. Conquanto o desfecho seja lógico, para os puros furiosos não pareça. E quanto ao licenciosismo dos pensamentos expressos em palavras veladas — não achamos que venha daí mal ao pudibundo espectador. Na tradução de Norberto Lopes a linguagem, de resto, é discreta como o português original. Cremos estar aqui o melhor elogio para a obra do tradutor.

— A peça pareceu-nos muito bem marcada por Alves da Cunha, que tem o seu dedo grande expresso em toda a representação. Já não é só o trabalho do actor que, num papel relativamente fácil, soube ser sóbrio e intencional. Foi também que apontar o seu conselho. Por isso Madalena representa como

há muito a não víamos representar, com um ar inteligente e humano, um metal de voz e uma silabação progressiva — sem contar com a forma como se pinta, aliás muito melhor desde há tempos. Mas o grande papel foi o de José Cambaio, tão humano, tão complexo, tão bem estudado em todos os pormenores. Ao lado do actor trio que brilha realmente e dá tudo por três papéis «à culta», Fernanda de Sousa comportou-se muito bem, o mesmo podendo dizer-se de Margarida de Almeida e Alberto Ghira. Menos bem — um galgá que só sabe mezer o antebraço — o jovem José Amaro.

\* Notase hoje um desejo de acertar, uma procura de elementos combináveis nas montagens. No conjunto, esta de Cunha e Silva pode agradar. Mas há à direita do público um indivíduo — com um vaso escondido — e, à esquerda, um fogão modesto que contrastam dolorosamente com as colunas retorcidas do fundo. Este, de resto, ficou pesado e errado com a sobreposição de tantos arcos e um céu que às vezes é retinamente verde esmeralda...

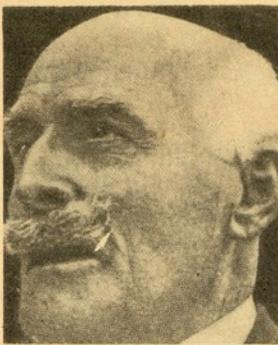
Madalena veste-se bem, mas é pena que tivesse escolhido cores que se perdem nas paredes e nas suas tranças «loiras» — quando se não afundam no verde dos «maples», como o vestido creme de Margarida se perde na parede. Que idéias, colarem os vestidos às paredes, em lugar de procurar contrastes agradáveis! Neste pormenor, quem se vestiu quasi sempre bem foi a Fernanda de Sousa.

ESPECTADOR

# COCKTAIL

## SABE QUEM É KNUT HAMSUN?

**L**OM, encravada no vale de Gudbrandsdal, é o nome da pequenina povoação onde, faz agora 85 anos, Knut Hamsun viu a luz do mundo pela primeira vez. Para todos quantos admiram a literatura nórdica, o vale de Gudbrandsdal que, por entre montanhas, se estende ao longo da zona rochosa da Noruega, constitui uma região familiar. Foi Ibsen, no «Peer Gynt», quem divulgou o seu nome na Europa. Na verdade, não é mera casualidade que a passagem natal de Peer Gynt seja, também, a do poeta Knut Hamsun.



A vida de Hamsun, tão variada, tão múltipla é, por si só, um verdadeiro romance. Conheceu a fome, a mais negra miséria, as piores vicissitudes e raras os trabalhos que não conheceu na sua peregrinação errante pelo mundo em busca de pão para viver. As obras escritas nessa altura ou, melhor, inspiradas nos sofrimentos que ele próprio passou, põem-nos em presença de um escritor extraordinário. «Fome», «Pão e Amor», «Um vagabundo toca em surdina» — são três romances de profunda intensidade humana que ficarão, para sempre, marcando a presença de Knut Hamsun.

Depois, o escritor norueguês conheceu melhores dias. A inquietação, a incerteza do pão de cada dia desapareceu do seu espírito — e ele tornou-se calmo, brando, acomodaticio, chegando a renegar certos princípios nobres que proclamara.

A sua obra reflecte fielmente a evolução do seu espírito. Nos primeiros romances, como «Fome», «Mistério» e «O Redactor Lyng», Knut Hamsun pinta tipos infelizes, saídos do povo e que se debatem pela conquista do pão. Depois, segue-se a fase de exaltação pela Natureza, como «Pan», «Vitória», etc., mas onde Knut Hamsun já não é o mesmo.

O prémio Nobel, que lhe foi concedido em 1920, veio premiar o Knut Hamsun da primeira fase, espírito nómada, sofredor, revoltado e, sobretudo, Humano.

## Sabe de quem são estes olhos?



(VER RESPOSTA NA PÁGINA 16)

## As desventuras de um noivo

**E**M 1904, um rapaz de nome Harold Norwich teve a ideia de se casar. Até aqui, nada há de estranho. Como Norwich era um rapaz prático e a descoberta de uma noiva é coisa muito longa e complicada, resolveu, e muito bem, dirigir-se a uma Agência matrimonial, que abundam aos centos na América. «Aquilo» seguiu as voltas normais e duas semanas depois, Harold Norwich estava noivo de uma rapariga bonitinha chamada Ellen Harfield. Primeiro namoraram-se por cartas, depois conheceram-se. Harold propôs-lhe casamento. A jovem disse que sim, mas que só casaria em Janeiro de 1908, porque prometera a sua mãe que só casaria com 23 anos.

O noivo impaciente, encheu-se de calma e esperou. Por fim, essa data histórica chegou. Fizeram convites, prepararam tudo, mas... na véspera a tia de Ellen teve a triste ideia de morrer.

Luto complicações e o casamento foi adiado. Marcaram nova data e, de novo, aconteceu outro desastre: desta vez foi o irmão de Ellen que morreu atropelado por um carro de bois.

O noivo desesperava, mas esperou, resignado. E esperou durante longos anos, porque desde 1910 a 1917 Ellen marcava um dia para as bodas mas havia sempre alguém que morria, ou da parte de Harold ou dela própria.

Veio a guerra de 1918 e Harold foi mobilizado. Em 1919, morreu novo parente. Em 1920, Ellen teve uma doença grave. De 1921 a 1927 a família dos noivos continuou embarcando para o outro mundo com incrível regularidade — e sempre nos dias fixados para o matrimónio.

A história parece fantástica, mas a verdade é que aconteceu tanta fa-

talidade a este pobre casal que só agora, em 20 de Agosto de 1944, se pôde realizar o tão desejado casamento. Os noivos passaram a habitar a casa que haviam construído em 1911.

Interrogado pelos jornalistas, o «jovem» Harold que, agora, é um respeitável ancião, respondeu:

— Tivemos muitos azares, mas espero que de hoje em diante sejamos felizes.

Oxalá assim seja porque, francamente, bem o merecem...



## UMA CÊRCA INVISÍVEL

**M**UITO perto de Berlim, está um pequeno Jardim Zoológico, o «Schorfheide», uma vasta área que, há muito, foi considerada parque nacional. Antigamente, todo o terreno da Schorfheide estava protegido por uma grande cerca, para impedir a fuga dos animais. Essa cerca foi, agora, derrubada e em seu lugar levantadas «portas sonoras», que estão equipadas com raios ultra-violetas completamente invisíveis. Gente e veículos passam por esses portões sem qualquer dificuldade, o que não é possível aos animais. No interior de cada uma dessas portas sonoras encontra-se uma forte barreira lumi-

nosa que uma vez interrompida desloca a chave de dois potentes holofotes e duma busina estridente. Uma pessoa que conheça o segredo das portas não se incomoda nem com a luz, nem com o som das businas, ao passo que os animais vêm de repente diante de si o esplendor dos holofotes e ouvem o berro das businas. Apavorados, fogem para o interior do parque. Após um certo tempo, automaticamente desligam-se holofotes e businas e a calma costumeira volta àquela idílio. A nova instalação vai ser empregada em outros parques de protecção nacional.

## PARA AFUGENTAR OS DEMÓNIOS

**N**ÃO julguem que se trata de uma nova dança de sala. As quatro fotos que aqui se publicam ilustram alguns movimentos de uma dança religiosa, a «Dto-mba», usada no Tibet, para expulsar os demónios.

Cada movimento traduz uma arremetida contra os espíritos maus. O velho é feiticeiro e, como tal, muito respeitado. Note-se a nota incongruente dos óculos, na ponta do nariz, que, provavelmente, foram trocados por alguma pequena riqueza.



EUGÉNIO DE CASTRO



Eugénio de Castro nasceu poeta. Poeta se manteve através de toda a sua existência. É — caso curioso — o que havia nele de sumptuoso, de artificial, daquilo que ele próprio, no tempo da combatividade, chamava exotérico, nunca pôde fazer esquecer, como ainda há pouco notava um dos nossos mais finos observadores, a vibração lírica enraizada e vagamente coimbrã. Não sei de melhor prova, e mais sincera, do que estes nomes que ele deu aos seus próprios filhos: Violante, Constança, Majalda e Marim... Nomes de vital português.

ROMANCE E «BRIC-À-BRAC



Noticiámos, há tempo, que Joaquim da Mota Júnior — o discutido romancista dos Sinais do Céu — deixara a literatura para se dedicar ao negócio de bric-à-brac. Segundo sabemos o escritor vai voltar à literatura. Dentro em pouco a Parceria António Maria... e Peras editará o novo romance de Mota Júnior Solteira e Só. Aqui está um título que é um aperitivo. Mota Júnior garante-nos, porém, que este seu vultu feminino não será... um traste!

MANEIRAS DE VER



Contaram-me, há dias, uma história do dr. Assis — ainda se contam histórias do dr. Assis — e que eu, confesso, nunca tinha ouvido. Ela aí vai — para a colecção.

Um dia o dr. Assis, que era — quem o ignora? — lente de Direito em Coimbra, foi ouvir um sermão à igreja de Santa Cruz. À saída, perguntaram-lhe:

— Então, senhor doutor, gostou do sermão?  
— Não dei gosto. O que é pena é que o pregador seja tão ignorante em gramática!

— Mas por quê, senhor doutor?  
— Não lhe ouviu dizer que Deus era um Verbo? Ora Deus toda a gente sabe que é substantivo!

RISOS



Há, como sabem, pessoas que riem em A, em E, em I, ou O e em U. O riso em A é, em regra, aberto e franco; o riso em E, melancólico e fleugmático; o riso em I ingénuo e simples; o riso em O audaz e generoso; o riso em U flácido e melancólico. Carlos Ferrão, o infatigável cronista internacional, acaba de descobrir que há pessoas que riem em Y. São os gregos.



(Caricatura de Santana)

## JOAQUIM PAÇO-DE-ARCOS-DA-VELHA

ÉSTE Joaquim Paço de Arcos, alto, fino, distinto, dando-nos a impressão dum lírio vagamente loiro, enfileira hoje, sem favor, entre os nossos homens de letras de maior tiragem. Em plena juventude, viu abrirem-se-lhe as portas de ouro da publicidade. As vezes a grande publicidade surge donde menos se espera. Um belo dia, entre a venerável Academia e Ana Paula — quem não conhece esta dama afascinada? — suscitou-se um incidente de natureza (imaginem!) de natureza literária; Joaquim Paço de Arcos travou do montante e saiu em defesa da Dulcineia ultrajada; travou-se duelo — e se é certo que Paço de Arcos passou coisas de Paço de Arcos da Velha, não é menos certo que conseguiu uma fecunda notoriedade. E porque ao escritor não faltavam virtudes a sua fama creceu — e o «Joaquimpaçodarcosiano» vai aumentando entre loiros e escudos.

— Qual é o romancista português actual que mais aprecia? — perguntámos, uma vez, a certa rapariga, lisboeta ultra-moderna.

— O Paço de Arcos! — respondeu-nos sem hesitar.  
E logo acrescentou:  
— Como há uma praia chamada Paço de Arcos, quando leio o Paço de Arcos tenho a sensação de que estou literariamente... a banhos!

Tableau.

## A GRAMÁTICA

EXISTIU, no Pôrto, há cinqüenta anos, um homem que foi jornalista e poeta: chamava-se Alfredo Carvalhais. Como poeta, cultivava o satanismo; como jornalista, cultivava a polémica; mas, satânico ou polemista, nunca se esqueceu de cultivar, acima de tudo, a gramática. Uma simples anedota vale, às vezes, um capítulo de história. Certa ocasião entrou-lhe, pela porta dentro, um farmacêutico portuense a quem Alfredo Carvalhais atacara ferozmente num artigo. O visitante, assegurando-se de que o jornalista estava só, rapou da bengala e exclamou, numa estrondosa ameaça:

— Sei que foi o senhor quem escreveu o artigo em que sou injustamente atacado. Venho exigir-lhe uma retratação imediata — ou quebro-lhe esta bengala nas costas...

Carvalhais pensou um momento:  
— Está bem. Rectifico...  
— Nesse caso escreva o que eu vou ditar, e que o senhor publicará amanhã na íntegra...

Alfredo Carvalhais deu um salto:  
— Isso nunca! Dê-me a sua idéa e eu redijo...  
E sorrindo para o farmacêutico, nunca ironia cortante:  
— Desculpe o meu amigo, mas é uma exigência da Gramática...  
Não é demais que apontemos o exemplo dêste homem a tantos outros para quem, embora cultivando as letras, a Gramática é, com frequência, letra morta.



Dum livro de astronomia: «As estrelas estão sujeitas a uma ordem constante. Aparecem do oriente e vão descendo para o ocidente; depois desaparecem, ao passo que do lado oposto outras se descobrem que parecem sair debaixo da terra, elevam-se em seguida a diferentes alturas para tornar a descer, desaparecendo no horizonte como as que as precederam.»

Não faltará quem diga que obedece à mesma regra a trajectória das «estrelas» de teatro e de cinema.

CARDOSO MARTA E OS SELOS



Cardoso Marta entrou uma tarde numa tabacaria e pediu cinco selos de recibo de vinte centavos cada um. A empregada da tabacaria, como não tivesse naquele momento selos de vinte centavos, cortou dez de dez centavos.

— Não, menina... Não me serve...  
— Mas é a mesma casa...

Logo Marta, com o seu bom sorriso de frade guloso:

— É a mesma coisa, não. Para os colar dispênde-se o dôbro da saliva...

MARIDO E MULHER



Quando o dr. Simões Figueirinhas (magistrado distinto hoje num dos tribunais de Lisboa) desempenhava o cargo de sub-director da Policia de Investigação, t e u e de intervir numa cena havida, em plena rua, entre marido e mulher. Conduzidos à Policia, o magistrado interrogou uma das testemunhas:

— Viu como as coisas se passaram?  
— Vi tudo desde o principio. Há um ano que isto começou...

— Há um ano? — inquiriu o dr. Figueirinhas, sem compreender muito bem o que o homem queria dizer.

— Foi há um ano que elles se casaram, senhor dr. Juiz. Eu fui até o padrinho de casamento...

VISITAS



Alguém bate à porta do escritor Luís Galbarão, filho:

— O senhor Luís Galbarão está?

— Não está — diz a criada.

— E sabe-me dizer se ele se demora muito?

— Imediatamente a criada, com a maior naturalidade do mundo:

— Não posso dizer. Em o senhor dando ordem para se dizer que não está em casa, nunca se sabe que tempo se demora.

## Os operadores desconhecidos

**H**á anos, quando o operador cinematográfico Allan Rowe filmava em Dayton a tentativa de Lee Bible para bater o «record» de velocidade, foi colhido pelo carro do famoso corredor, que partira a direção, e encontrou a morte no espectacular acidente com que se malograra a prova desportiva. Os jornais não referiram sequer o nome do «caçador de imagens», vítima do dever, quando se encontrava em pleno exercício da sua missão.

Pour Vous, indignado, perguntava, então, numa «manchette», ao alto da página de honra: «Que deverá fazer um operador para ser citado?».

O facto e a pergunta acodem-nos constantemente à memória. Não se compreende, na realidade, este anonimato, a pesar como um ferrete sobre o operador de actualidades. Anonimato tanto mais incompreensível e injusto, quanto é certo que o próprio cinema incorre em idêntico pecado, esquecendo-se de chamar a atenção para o homem que, muitas vezes, à custa dos maiores sacrifícios, obtém imagens que enchem o mundo de assombro.

E, no entanto, por estranho paradoxo, o cinema não tem profissionais mais dedicados, mais abnegados, mais prontos a pagar com a vida a glória de o servir. E numa actividade industrial onde a publicidade parece ter atingido as regiões do desvaio, faz-se sobre estes homens o silêncio mais profundo, como se alguma coisa perigasse ao tornar conhecidos os seus nomes.

Em compensação, o público do mundo inteiro deve-lhes a estranha emoção de haver assistido aos momentos culminantes da História dos Povos, e de haver sido espectador simultaneamente de grandes acontecimentos desenrolados, à mesma hora, em regiões do globo muito distantes entre si. A guerra, a própria guerra, que outrora só se conhecia através dos relatos feitos apaixonadamente pelos que dela regressavam, é hoje vivida, hora a hora, pelas extasiadas multidões das salas escuras. Assim, num quarto de hora, vamos com os bombardeiros atacar Kiel; desembarcamos, com os fuzileiros de Marinha, nos postos avançados das Filipinas; passamos sob o Arco do Triunfo com a população delirante de Paris; atingimos a fronteira da Alemanha, encorporados nos «tanques» britânicos — vivemos, enfim, de instante a instante, os factos que fazem vibrar, com um frémito de emoção, a humanidade castigada por cinco anos de guerra.

E tudo isto se deve aos «caçadores de imagens» que o cinema temna em conservar anónimos, muitos dos quais ficaram para sempre com as máquinas estilhaçadas sob os corcéis do Apocalipse.

A notícia de que nas estradas lamacentas da Bélgica caiu Roy Hodges, operador cinematográfico — notícia que passou quísi despercebida no meio do relato clangoroso dos grandes avanços e conquistas — fica a documentar a razão das considerações formuladas.

Quando os «magazines» da sua máquina transitarem para os laboratórios e o filme por ele impressionado começar a correr na tela, é possível que o mundo estremeça de admiração perante a reportagem do autêntico «operador ignorado» — reportagem que custou, afinal, uma vida, entre tantas outras vidas que se perderam.

E na grande batalha, de que ele foi soldado sem armas, ficará perante o público como um «operador desconhecido».

FERNANDO FRAGOSO



Em Hollywood também há casais felizes. A lindíssima Betty Grable e seu marido, o famoso Harry James — o melhor «trompetista» do mundo! — reúnem-se, ditosos, em «Cherry», a pequenina que veio alegrar a seu lar. Uma imagem do mundo real, que parece inspirada no «happy-end» duma fita de amor...



Jean Pierre Aumont, no papel de um patriota francês, no filme «Assalto dos Comandos»

## 1.200 Filmes foram já exibidos em improvisados cinemas nas frentes de batalha do mundo inteiro

**O** cinema — lemos algures — é o ópio dos povos. E dos soldados também. Com efeito, cinco anos de guerra demonstraram a extraordinária força do cinema, como bálsamo espiritual, para suavizar dores e saudades.

A América, como sempre na vanguarda de todas as organizações, assim o entendeu. E, por intermédio da «Morale Services Division of the Army», em cooperação com o «War Activities Committee», levou às suas tropas, disseminadas pelo mundo inteiro, os melhores e os mais atraentes espectáculos cinematográficos de todos os tempos.

Utilizando aviões, vedetas rápidas, trenós ou mulas — consoante a natureza do terreno a percorrer até às linhas da frente — foram enviados, até agora, aos soldados, 12.000 programas em formato reduzido, constituídos por filmes de fundo, actualidades, desenhos animados, etc. Estes programas sobre filme de 16 milímetros — cedidos gratuitamente pelas firmas produtoras, que



Um improvisado cartaz, preparado numa árvore, avisa os soldados: «Hoje à noite, às 7 horas, cinema no acampamento»...



...E a improvisada sala enche-se de aviadores, que encontram na tela os dias calmos e felizes de antes da guerra.

## As jóias da coroa num filme americano

**H**OLLYWOOD reeditou um dos grandes êxitos do cinema inglês — «Gaslight» — num filme que teve como intérpretes Charles Boyer, Ingrid Bergman e Joseph Cotten. É a história de um louco criminoso, que tortura a mulher, num lento e doloroso calvário.

As famosas reproduções das jóias da coroa, que figuraram na Feira Mundial de Nova-York, autênticas obras-primas dos joalheiros da corte de Sua Majestade Britânica, aparecem pela primeira vez no cinema, emoldurando o suave rosto de Ingrid Bergman.

Como se sabe, muitas destas reproduções — que a custo se distinguem das jóias originais — foram utilizadas no ensaio das cerimónias da coroação de Jorge VI.

reduzem àquêle formato todas as grandes películas que produzem — são exibidos, graciosamente, nos hospitais, aeródromos, postos avançados e nas linhas de batalha.

Além disso, 1.200 cinemas espalhados pela América do Norte dão espectáculos para os soldados com preços que jamais excedem a ínfima soma de 14 cents.

A perfeita organização destes serviços deve-se ao general Frederick H. Osborn, que percorreu 30.000 milhas através das bases avançadas do Pacífico, para se assegurar pessoalmente de que tudo decorria como fóra previsto.

E, graças às medidas postas em prática, pode dizer-se que todas as grandes produções saídas dos estúdios de Hollywood são vistas pelos soldados antes de começarem a correr nos cinemas nova-yorkinos.

«Para estes homens — disse o general Osborn — o cinema significa lar, ruas que lhe são familiares, gente da sua raça e da sua cor. Encontram na tela a imagem viva das suas mães, das mulheres e das noivas».

E o cinema continua, assim, a firmar-se cada vez mais no espírito e no coração da humanidade, que encontra nele, além de um passatempo ou de motivo de diversão, o conforto moral de que tanto carece.

# “ASSIM NASCEU UMA ERA...”

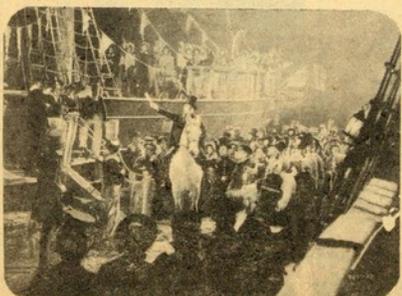
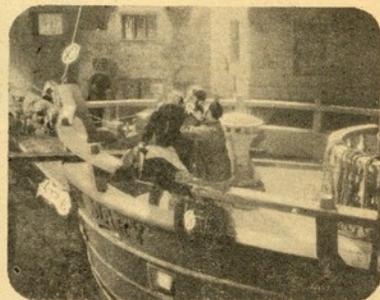
Aquêles que, em bonafiosos tempos de paz, sulcam os oceanos em cata de novidade e de aventura, em luxuosos transatlânticos ou modestos «liners», em viagem de negócio ou de prazer, nem sempre conhecem a origem da era de que estão fruindo os benefícios — a da navegação a vapor... No entanto, como tôdas as revoluções, mesmo as pacíficas, essa **luta do vapor contra a vela**, de que aquêle acabaria por sair vitorioso, tem uma história bem interessante...

É essa história romanceada da instituição da primeira carreira a vapor entre a Inglaterra e a América, que nos conta um dos mais recentes superfilmes da Warner Brothers, «**ASSIM NASCEU UMA ERA...**». Por ela vemos que a iniciativa, como tôdas as que vêm perturbar cômodos hábitos ou interesses adquiridos, teve os seus adversários — e dos mais acérrimos. E que, também, nesse tempo das «crinolines» e das primeiras valsas, já o amor era o grande incentivo dos pioneiros e dos iluminados...

«**ASSIM NASCEU UMA ERA...**» tem como protagonistas as duas «estrelas» em moda do cinema inglês: a encantadora Valerie Hobson e o varonil Michael Redgrave, tendo sido realizado por Walter Forde.

Filme de acção e, simultâneamente, de grande espectáculo, nêle perpassam cenas empolgantes, como o fracassado lançamento do «Gigantic», o primeiro paquete a vapor, a tempestade que fêz naufragar o «Anne of Liverpool», o grande baile de Boston, etc., tudo isso a par do sereno romance de amor que faria triunfar uma idéia que transformou o mundo, tornando perto e seguro o que até então era longínquo e incerto.

«**ASSIM NASCEU UMA ERA...**» estreia-se esta semana no «Eden», para inaugurar a época de 1944-45 da Nova Organização Exclusivos Triunfo.



# PAGINA DAS UTILIDADES

## Máquinas de costura



## HUSOVARNA

uma perfeição  
da indústria sueca

Vendas no «Stand» da Feira Popular, a pronto e prestações.

**CASTRO & SOUSA, L.<sup>DA</sup>**

P. dos Restauradores, 13, 3.<sup>o</sup>  
LISBOA Tel. 29888

## CARRINHOS E CADEIRAS PARA CRIANÇAS

Com rodas blindadas de dupla chapa, girando em esferas e com pneus de piso moderno. Pintura a esmalte.

Solidez, elegância e bem-estar para os bebés.



A pronto e com facilidades de pagamento

**J. Costa & Silva, L.<sup>DA</sup>**

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.<sup>o</sup>  
LISBOA — TELEFONE 26713



OUVIR UM *Luxor*  
*é um sonho!*

**Casa José Costa ~ Rádio Luz**  
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888



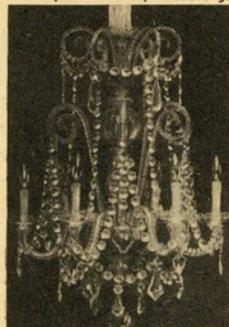
**É preciso  
juntar o útil  
ao agradável!**

FATOS HÁ MUITOS,  
MAS UM FATO BEM  
FEITO E AO MESMO  
TEMPO ECONÓ-  
MICO, SÓ NOS

*Alfaiates*

**GOUVEIA & DIAS, L.<sup>DA</sup>**  
R. Arco Marquês do Alentejo, 20-1.<sup>o</sup>  
L I S B O A

Os lustres para as decorações de bom gosto



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

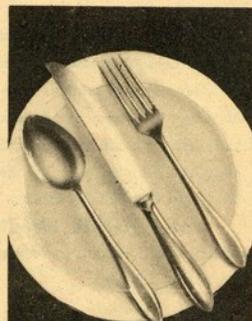
**J. R. de Brito**

FABRICANTE

Rua Luiza Todi, 2  
(à Rua de D. Pedro V)

Telef. 20497 LISBOA

*Coíças, Vidros,  
Talheres*



**Au Ménage Ideal, L.<sup>DA</sup>**

162, Rua da Prata, 166  
LISBOA — TELEF. 21520

Peça na sua papelaria  
Produtos «HORUS»  
Tintas para escrever,  
colas, lacres e papel  
químico



**MOISÉS & REIS, L.<sup>DA</sup>**

Fábricas: Travessa das Águas Boas, 11 — Telef. 58-497  
Rua Fábrica da Pólvora, 22-A — Telef. 81-691 — LISBOA



O SABOR AGRADABILÍSSIMO  
DO CREME DENTAL NOSEL

**NÃO É UMA PASTA VULGAR**

*Antes de fazer as suas compras consulte esta página*

## CORRESPONDÊNCIA

ALBERTO DE OLIVEIRA (Lisboa) — Sim, senhor, parabéns pelo seu problema. Está bem feito. Como esta nossa primeira série de problemas policiais está a terminar, o seu será publicado brevemente. Vamos tratar das fotos necessárias. Continue, porque tem habilidade.

O **HOME DAS ARABIAS** (Lisboa) — Agradecemos os \$500 em selos que enviou para os pobres da «Vida Mundial Ilustrada». Por lapso não safu o seu nome na lista dos solucionistas do problema n.º 12, o que se encontra já devidamente rectificado.

MÁRIO CLARO DA SILVA (Pórt) — Esperamos pelos seus problemas, certos de que a sua habilidade de produtor será tão talentosa como os seus méritos de solucionista.

AMILIONOVA (Lisboa) — Muito obrigado pelas suas boas palavras. Procuraremos sempre, de facto, manter o interesse dos leitores por esta página.

HELENA SOARES (Lisboa) — Gostava de saber como V. conseguiu decifrar o mistério... do Repórter Mistério. Sempre ao seu dispor.

FILIPPE DE AGUILAR (Pórt) — Não compreendo o aborrecimento do senhor. Trato todos os solucionistas com a mesma isenção. Considero-o um dos bons solucionistas. E se a resposta às suas cartas demora, por vezes, a culpa não é minha. Creia que o estimo.

UMA GAROTA ENDIABRADA (Lisboa) — E diga-me lá, sinceramente: para que gostaria de conhecer o autor destes problemas?

ADOLFO LIMA (Vila Nova de Famalicão) — Está bem certo dos seus conhecimentos de medicina? Veja bem...

M. S. A. (Coimbra) — Esta primeira série de problemas destina-se apenas para uma espécie de entretenimento. Brevemente começarão a publicar-se os problemas que V. deseja, numa segunda série em que os leitores poderão colaborar.

ROMULO (Lisboa) — Leia de novo, bem, a tal resposta e ficará esclarecido. Mas cautela com o português...

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 15

Eis o raciocínio que o Inspector Niegel empregou para decifrar o mistério do rio:

Segundo as declarações de Charles Wilson (foto e legenda 1) e o desenhinho compilado com o seu próprio auxílio (foto e legenda 3) o bote subia a corrente, caminhando, portanto, em direcção às árvores donde Jenkins teria disparado o tiro.

A foto e a legenda 1 mostram claramente que no momento da morte John seguia ao leme do barco (notar que as cordas do leme ainda estão seguras pelas mãos do morto) e, por conseguinte, devia estar voltado para o lado da nascente do rio (indicado pela seta da foto 3). Por sua vez, Charles ia a remar e, consequentemente, devia estar voltado para o lado da foz. Por isso mesmo, nunca podia ser testemunha de acontecimentos sucedidos por detrás de si. E as árvores donde ele dissera que Jenkins atraxara, ficavam por detrás de si.

Assim, diante desta prova fundamental, Charles confessou a sua mentira e acabou por declarar que matara o irmão, pois era o seu herdeiro directo. Como tivesse conhecimento das ameaças de morte feitas por Jenkins a John, aproveitou a oportunidade, roubou a espingarda de Jenkins e assassinou brutalmente o irmão à queima-roupa.

E certo para um criminoso dessa espécie, o castigo não se fez esperar!

DICK TERENCE (Pórt) — A sua cartinha tinha espírito. E o senhor fez uma boa estreia. Duplos parabéns.

MANUEL PEREIRA SOARES (Macedo de Cavaleiros) — A sua resposta ao problema n.º 12 era muito fraca. Faltavam provas. Por isso não serviu. Mas isso não é razão para desistir.

### REPÓRTER MISTÉRIO

## Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 14 (Por ordem alfabética)

### MÉRITO ABSOLUTO:

- (5) Carlos Idães (Lisboa).
- (3) Fernando Rosa (Leiria).
- (1) Inspector Manardo (Setúbal).
- (4) Máscara de Cobre (Moita).
- (3) Máscara Vermelha (Moita).
- (9) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (13) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (5) Pad-Zé (Lisboa).
- (2) Uma Garota Endiabrada (Algés).

### MÉRITO RELATIVO:

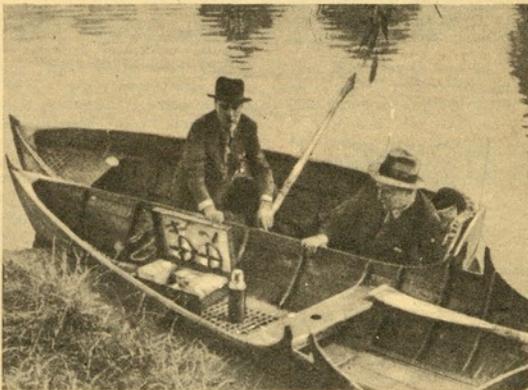
- (1) A. Black Cunt (Pórt).
- (1) Acasto (Pórt).
- (10) A. F. da Costa e Castro (Pórt).
- (3) Adolfo Lima (Vila Nova de Famalicão).
- (5) Agente Falhinhas (Lisboa).
- (1) Agente Z (Coimbra).
- (8) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (10) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (5) António Alberto Parafela (Amadora).
- (4) António C. Bernardo (Loures).
- (2) António de Almeida Simões (Coimbra).
- (5) António Pisco da Silva (Lorvão).
- (2) Armando Farias (Covilhã).
- (9) Arturo Silvani (Lisboa).
- (10) Artur Varatojo (Lisboa).
- (1) Az, detective amador (Lisboa).
- (7) Boaventura Martins (Crestuma).
- (4) Carlos Alberto Fabião (Lisboa).
- (10) Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- (4) Charlie Chambera (Lisboa).
- (10) Detective de Calças (Braga).
- (1) Detective Janes (Setúbal).
- (3) Detective Renard (Lisboa).
- (1) Dick Terence (Pórt).
- (3) Dois Cachimbos Fumegando (Lisboa).
- (6) Ele e Eu (Lisboa).
- (12) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).

- (5) Fernando Piedade (Lisboa).
- (9) Filipe de Aguilár (Foz do Douro).
- (3) Flor Descaída (Lisboa).
- (1) Fradique Mendes Júnior (Caparica).
- (1) Francisco Aguilár (Oliveira do Douro).
- (3) G. Man (Famalicão).
- (4) Helena Soares (Lisboa).
- (11) Henrique Fernandes (Estremoz).
- (4) Isabel de Azevedo Oliveira (Lisboa).
- (9) Ivone Costa (Lisboa).
- (12) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (3) João Pereira de Freitas (Monte Estoril).
- (5) José Balsamo (Lisboa).
- (2) José Luís (Lisboa).
- (1) José Luís Botelho (Lisboa).
- (1) Jovem Amador (Lisboa).
- (1) K. H. I. (Alhandra).
- (1) Lenormand II (Lisboa).
- (13) Leiria Dias (Lisboa).
- (7) M. (Algés).
- (10) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (1) Manuel Magalhães (Pórt).
- (11) Manuel R. Morais (Lisboa).
- (8) Mário Claro da Silva (Pórt).
- (3) Mário Marques Duque (Lisboa).
- (5) Mário Martinho Pereira (Lisboa).
- (1) Mina (Alhandra).
- (3) M. L. N. (Luso).
- (3) Mr. Smith (Algés).
- (11) M. S. A. (Coimbra).
- (6) Nick Carter Júnior (Lisboa).
- (5) O Cavaleiro da Triste Figura (Alhandra).
- (2) Octaviano (Pórt).
- (1) Olho Vivo (Viseu).
- (7) O Lobo Saltitão (Lisboa).
- (1) Os Irmãos Frachard (Alter do Chão).
- (6) «Philo Vance» (Setúbal).
- (8) Rómulo (Lisboa).
- (8) R. P. (Lisboa).
- (4) S. T. Marranhokos (Lisboa).
- (10) Teimoso n.º 1 (Loulé).
- (1) Zica (Lisboa).
- (13) Zirteba (Lisboa).

## PROBLEMA N.º 16

# O caso de Bob Carter

Esta primeira série de problemas policiais aproxima-se do final. Já está em estudo a nova série que se seguirá, e na qual poderão colaborar os próprios leitores com problemas de sua autoria, num sugestivo Concurso. Brevemente daremos pormenores sobre a nova modalidade. Entretanto, aceitamos sugestões dos nossos prezados solucionistas. E avisamos que continuamos forçados a rejeitar muitas soluções, por atrasadas ou fracas e imperfeitas. Pedimos aos nossos leitores que enviem sempre as soluções para: «Secção de Mistério e Aventuras» — «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69, 2.ª. Lisboa. E não se esqueçam que o prazo de entrega para as soluções do problema n.º 16 termina irrevogavelmente no dia 20 de Setembro.



**1** Quando o inspector e o seu ajudante chegaram junto do barco encailhado, examinaram tudo com minuciosa atenção. O inspector lembrou o que Rose Wyndham declarara havia momentos: vinham ambos, Rose e Bob Carter, no barco onde Bob remava. Mas a certa altura ela pediu para pegar nos remos. No momento em que trocavam de lugares, Bob Carter desequilibrara-se e saíra pela borda fora.

Bob tentara agarrar-se ao barco e subir; mas as mãos não foram suficientemente fortes e Bob afogara-se...



**2** Daí a minutos, o inspector, meditabundo, foi examinar de novo o corpo de Bob Carter, que já fôra trazido para a margem.

E constatou, mais uma vez, que eram visíveis todos os sinais resultantes da morte por afogamento. Além disso, não verificou, de facto, a existência de qualquer ferida exterior.

**3** O inspector dirigiu-se ao café onde Rose Wyndham o aguardava por ordem dele. Ela apareceu envolta numa gabardina larga. Desculpou-se, sorrindo: «A minha roupa está a secar!».

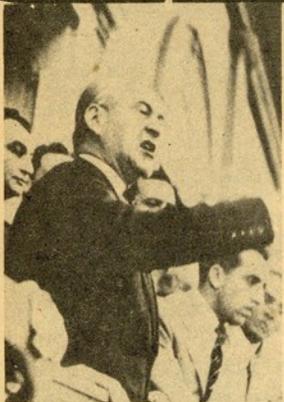
O inspector perguntou, de repente:

— Bob era seu noivo?  
— Sim!  
— E sabia nadar?  
— Não... Eu também não sei nadar. Senão, talvez tivesse conseguido salvá-lo.

O inspector enrugou a testa. Lembrou-se de tudo e, devagar, fez-se luz no seu espírito. Estava encontrada a solução para o caso de Bob Carter. Qual é a solução? Porquê?

(Leia solução no próximo número.)

# DO MUNDO



## BRASIL

### POLÍTICA INTERNA, POLÍTICA EXTERNA

Os habituais leitores das notícias sobre acontecimentos políticos de guerra foram surpreendidos pela demissão de Oswaldo Aranha, desde 1938 ministro das Relações Exteriores do Brasil e uma das figuras contemporâneas de maior prestígio das duas Américas — no continente sul-americano principalmente. A sua política de verdadeiro democrata, baseada no íntimo conhecimento das virtudes do povo norte-americano — pois foi embaixador nos E. U. — exprimito sempre um verdadeiro sentido das realidades presentes e futuras. E o Brasil, que durante uma hora de incertezas — de um lado o Parlamento dissolvido em vésperas de elei-

ções que foram anuladas pelo golpe de Estado de 11 de Novembro e, do outro, as forças chefiadas pelo integralismo de Plínio Salgado, que opoñdo-se ao Estado, revelava as mesmas tendências políticas — esse grande país de enormes recursos soube, entretanto, vencer a crise que passava sobre a sua cabeça. Ao lado de Getúlio Vargas, como diplomata e advogado estava Oswaldo Aranha.

Depois, com a guerra, veio a política de cooperação, a luta interna e externa — e esta campanha foi também ganha por Oswaldo Aranha. Ele foi o homem n.º 1 da política brasileira.

Ninguém se esqueça do papel altamente benéfico às Nações Unidas desempenhado por Oswaldo Aranha, durante as reuniões dos delegados das repúblicas sul-americanas, efectuadas em 1940, para tomar directrices em relação aos países beligerantes. A sua incansável actividade, à sua persistência e inteligência deveram os Aliados a posição tomada pela América, a seu lado — de tal modo, que lhe chamaram o homem de Washington.

A pátria deve muito ao *charme*, ao tacto e à inteligência do seu antigo ministro das Relações Exteriores.

## HOLANDA

### UM PAÍS NA "BRECHA"!

Os comunicados oficiais últimamente, têm assinalado um crescimento da acção nos mares fronteiros à Holanda. Do mesmo modo que na Bélgica, fala-se nos Países Baixos como um dos próximos objectivos das Forças Invasoras. Hoje, porém, é sob outro aspecto que queremos falar deste magnífico país de cidadãos obreiros e pacíficos duramente atingidos pelos horrores da guerra — sem outro crime que não seja o de oferecerem aos ocupantes uma posição estratégica excelente.

Aqui damos aos apaixonados de filatelia uma reprodução de selos emitidos pelo Real Governo Neerlandês em Londres e actualmente usados a bordo dos navios de guerra da Marinha Real, e que serão postos em circulação no território holandês — logo que este seja desocupado.

A série abrange os valores: 1 ½, 2 ½, 3, 5, 7 ½, 10, 12 ½, 20 e 30 centes.

Coleccionadores — alerta, na caça aos novos selos!



## O LIVRO DO MOMENTO

### A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra

Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias;

Uma magnífica edição

de «VIDA MUNDIAL»

## O heroísmo francês

QUANDO, em 1940, o exército francês se dissolveu sob a tempestade de fogo do exército alemão, não faltou por esse mundo fora quem não tivesse meio de esconder a sua decepção, a sua surpresa inquietada e dolorosa.

— Que é feito do valor militar, da valentia, do heroísmo dos franceses? Em boa verdade, tudo tinha parecido desabar na mesma hecatombe de desespero e de alucinação: os homens, as máquinas, as fortalezas. Só num dia — a 19 de Junho — o comunicado alemão apontava a cifra impressionante, inesquecível, de 200 mil prisioneiros. É certo que, por essa data, já o marechal Pétain tinha pedido publicamente o armistício — e que o moral dos combatentes, já abalado por sucessivas derrotas, numa retirada sem paragem, havia de estar em compreensível declínio. Mas, ao mesmo tempo, outros núcleos batiam-se ainda corajosamente.

Que sucedera então? O francês criara a fama de excelente soldado, corajoso, ardente, capaz de suportar todos os sacrifícios e todas as dificuldades; tinha a tradição do heroísmo, reatuvara-o orgulhosamente nos campos de batalha da outra guerra. E logo surgiram mil explicações: era do ambiente político-social, diziam uns; era o resultado de propagandas dissolventes, diziam outros; era da raça em declínio, com cifras inquietantes nas tabelas da estatística, entendiam alguns; era do espírito inda adaptado e envenenado dos comandos, que não souberam actualizar os métodos da guerra, precipitavam outros ainda; e até houve quem descobrisse, através giosamente, que a França estava envenenada por excesso de literarismo.

A verdade, porém, é que todos esses teóricos das interpretações especiosas foram batidos pela corrida veloz das realidades. Quatro anos depois, o soldado francês reaparece nos campos de batalha, rejuvenescido, outra vez ardente e impetuoso, outra vez aguerrido e enérgico para a acção. Vêmo-los na Tunísia, vêmo-los na Itália, no desembarque na Córsega, no desembarque no sul da França — mais que isso tudo: batendo-se corajosamente no interior, com ganhos verdadeiros de franceses, com o rasgo inesquecível de Paris a recordar outros momentos que ficaram históricos.

Ao mesmo tempo, assiste-se à inversa: desfazem-se no solo francês os exércitos alemães; um general de exército é aprisionado quando estava tranqüilamente a almoçar, e não pode nem sabe esconder a sua surpresa ao ver-se rodeado de americanos: «O quê, já estão aqui?». A resistência nem era de tentar: tudo estava perdido, irremediavelmente perdido. Tal como os franceses em 1940, os alemães em 1944 fragmentam-se, dispersam-se, diluem-se no pélogo da derrota. Vamos a deduzir, com a mesma levandade, que os soldados alemães perderam, individualmente, o seu valor combativo? Lá estão os homens que formaram as garnições de Brest, do Havre, dos portos da Mancha para não deixar que tão facilmente se conclua e sentencie. Como em 1940, os franceses: ao mesmo tempo que divisões inteiras eram aprisionadas, outros grupos continuavam combatendo. Houve redutos da Linha Maginot que mesmo depois de assinado o armistício se mantiveram na peleja, recusando-se a render-se, convictos de que as ordens dadas pela rádio, em nome do marechal Pétain, eram falsas. E a sua convicção subsistia: se eles se mantinham, firmemente, nos seus postos avançados, como era possível que outros, tantos outros como se dizia, tivessem capitulado?

A verdadeira razão é só uma. Hoje, já todos a compreendemos. Mas é André Maurois, o grande escritor francês, que nos dá, com o primor do seu estilo e a sua argúcia de observador experiente, a síntese perfeita, intercalada num artigo para uma revista norte-americana: «Acabei agora mesmo de visitar as primeiras divisões francesas da África do Norte, completamente equipadas com armas americanas. Só um regimento anti-tanques tem uma potencial de fogo igual ao de uma divisão inteira do exército francês de 1940. O orgulho daqueles homens — só visto!»

Aí está: os homens são os mesmos — os franceses como os alemães. Em 1940, os alemães demonstraram possuir um apetrechamento técnico que reduzia a nada aquele de que dispunham os franceses. Quatro anos depois, tudo se passa ao contrário. E essa é a diferença entre os exércitos franceses de 1940 — que pareciam pulverizar-se — e os de 1944 que entram triunfantes em Paris. Nem por ser derrotado o soldado alemão deixa de ter direito à sua fama de batalhador de primeira ordem. Mas que sirva isso para reabilitar o heroísmo francês aos olhos dos que, há quatro anos, o tinham irrevogavelmente condenado...

J. R. S.

## INGLATERRA

### PELA JUVENTUDE

MUITOS são os milhares de crianças britânicas que, cada dia que passa, voltam a ouvir a terrível sirene das bombas voadoras — desta vez mais cegas, ainda, do que as outras de há quatro anos. Para preservar essa multidão de pequenos seres que não de assegurar a continuação de uma raça inglesa forte, mesmo depois da guerra, muitas dessas crianças voltaram aos campos de concentração, longe das grandes cidades, que são os pontos de ataque favoritos. Essa evacuação está a cargo do «Youth Service» — o Serviço da Juventude — e que, segundo um diploma recente, compreende um enorme programa de construções de um novo modelo, para depois da guerra, uma organi-

zação metódica de assistência social e de ar livre, nos campos, para os adolescentes.

Uma das inovações mais curiosas, introduzidas na Grã-Bretanha, depois que a guerra principiou, é o Internato de Campo Escolar, onde as crianças, no fim de cada ano lectivo, podem permanecer numa vida livre e sã, sem se afastar dos estudos, dos bons recreios e da segurança que as suas casas, nas férias, nem sempre lhes oferecem.

A foto que damos juntamente, mostra-nos, num campo de Surrey, um grupo de crianças em idade escolar, ouvindo a história que o professor lhes conta antes de irem para a caminha.





O rei Miguel



Maniu, chefe do partido agrário

**M**AIS um país que se rende e revolta contra o antigo aliado. A Romênia regressa à sua política externa, reconcilia-se com os amigos de outrora, porque os últimos acontecimentos não são o produto do acaso: têm profundas causas e que remontam longe.

Em fins de 1941, quando os exércitos romenos atingiram o Dniester, o general Jacobici, chefe do Estado-Maior, publicou uma ordem do dia, dizendo que findara a guerra para a Romênia e começava, por consequência, a desmobilização do exército.

Transilvano como Maniu, o general Jacobici pensava como êle; portanto, segundo quasi a totalidade do povo romeno. O pensamento destes homens e do povo era o seguinte: a Romênia não podia continuar na guerra, a leste, para além da sua fronteira étnica, e o exército devia esperar o momento propício para recuperar a Transilvania do Norte, na qual, a arbitragem de Viena, para premiar a Hungria da sua longa fidelidade, havia feito submeter ao domínio estrangeiro 1.400.000 romenos.

Desde então, cavou-se um abismo entre o povo romeno e o general Antonesco. Os protestos de Maniu e Brătianu foram tão numerosos como inúteis: Sem parlamento, com os partidos políticos dissolvidos e a constituição feita letra morta, não se podia chegar a qualquer finalidade.

O próprio rei não passava dum símbolo; por um decreto assinado pelo rei Carol, o exercicio da maioria das prerrogativas reais pertencia ao general Antonesco.

As visitas do rei aos camponeses, aos operários e aos feridos despertavam o entusiasmo do povo, apesar do jovem semblante do rei mostrar sinais de profunda tristeza.

*Durante a visita que Churchill fez à Itália, realizou largas conferências de projecção politica e militar. Foi-o, ao lado do Príncipe Umberto, na companhia do general Maitland Wilson e alto commissário britânico, «sir» Noel Charles, que foi ministro adjunto em Lisboa e embaixador no Rio de Janeiro.*



## ROMÊNIA

### UMA POLITICA DE RECONCILIAÇÃO

Em Março de 1943, depois das pesadas perdas das forças armadas romenas, o rei pediu que lhe mostrassem qual era a situação do exército. O general Antonesco, em resposta, contestou esse direito ao soberano.

Dal em diante, o jovem rei começou a trabalhar em silêncio, para organizar a resistência. Nomeou o general Sanatesco, antigo adido militar em Londres, chefe da sua casa militar. Por seu intermédio podia o rei entrar em contacto com os chefes das unidades que lhe eram fiéis, embora, como soldados disciplinados, tivessem de cumprir as ordens recebidas. Por meio do seu secretário particular, conseguiu conhecer a verdadeira situação política e militar, tal como as Legações dos países neutros a expunham. Finalmente, a sua ligação com Maniu, que trabalhava por unir, sob a sua direcção, todos os chefes dos partidos políticos, era perfeita.

Em Janeiro de 1944, em vista da gravidade da situação, o rei pediu ao marechal Antonesco para encontrar um meio de fazer a paz com as Nações Unidas.

O príncipe Stirbey transmitiu as condições, que foram rejeitadas por Antonesco. Em face desta attitude e a partir do mês de Junho, o rei decidiu tomar êle mesmo a iniciativa da mudança.

Na tarde de 23 de Agosto, o marechal Antonesco, em vésperas de inspecção a frente, visitou o soberano para lhe expor a situação e insistir na resistência.

O rei afirmou-lhe que a situação era muito mais grave do que êle a descrevia, e que a sorte do povo romeno se identificava com o seu próprio destino, como rei da Romênia.

E acabou dizendo: «Já que nunca me quizeses ouvir, daqui em diante assumo a responsabilidade da iniciativa».

Deu ordem de prender o marechal Antonesco e os membros do Governo, encarregando o general Sanatesco de constituir o novo Governo, com o apoio dos dois grandes chefes políticos Maniu e Brătianu, que representam, praticamente, a maioria do país.

O povo compreendeu, imediatamente, o significado do gesto real. Embora conte apenas vinte e três anos, o soberano teve a coragem de assumir a responsabilidade duma decisão histórica, numa das horas mais graves para a Pátria.

E, pela primeira vez, passados quatro anos, imensa multidão se dirigiu à praça do Palácio real, para manifestar a sua dedicação sem limites e a sua confiança no seu soberano, que deixara de ser um adolescente.

A presença de Maniu e de Brătianu no Governo prova que todo o povo está ao lado do rei — e a maneira como o exército, unanimemente, seguiu o monarca, demonstra que, nestas horas tão graves, a Romênia pode contar, como sempre, com a abnegação e o patriotismo dos seus filhos.

A situação ainda é difícil, mas a Romênia tem confiança no seu destino. Lutou para viver e não para conquistar; para existir e não para se engrandecer. É de crer que espere alguma coisa de melhor dos Aliados, que saberão ajudá-la a voltar a ser um factor de ordem e de paz, na justiça e no direito.

## FRANÇA



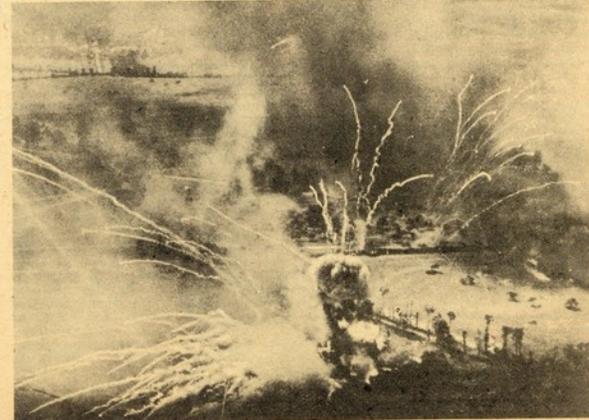
Contra o general De Gaulle, chefe do Governo Provisório, foram já cometidos doze atentados. Os dois últimos registaram-se em Paris, quando descia até Notre Dame, pelos Campos Elíseos. Homens e mulheres, tão habituados já aos processos de ataque, lançam-se no solo, para escapar às rajadas das metralhadoras portáteis, disparadas por franceses e alemães pró-nazismo.

## ITÁLIA



Antes de vacuar Florença, a 11 de Agosto último, os alemães destruíram todas as pontes — com excepção de uma, a do rio Arno. As reconstruções foram rapidamente operadas pelos sapadores britânicos, como, por exemplo, esta ponte de Bailey, erguida sobre a antiga ponte de San Trinità.

## FRANÇA



Um operador cinematográfico passou por Falaise, na altura em que os «Lencasters» e os «Halifaxes» martelavam as tropas de ocupação e recolheu este efeito maravilhoso — um fogo de artifício que custa muitas vidas ao inimigo...



Simão da Veiga matando a estoque na praça de Barcelona

## Conversando com Simão da Veiga Quatro perguntas indiscretas e quatro respostas acertadas

**S**ERIA ocioso fazer aos leitores a apresentação do nosso entrevistado de hoje. Toda a gente, aficionada ou não à festa de toiros, conhece Simão da Veiga, o cavaleiro que herdando todo o valor de seu pai como toureiro, abraçou a arte de Mariálva, para desde logo se colocar como «ás» indiscutível, num primeiro lugar de que ainda ninguém conseguiu desalojá-lo.

É porque os «ases» autênticos têm valor em todos os baralhos. Simão não só se impõe em Portugal, a Espanha, exigente e aficionada, recebe-o festivamente e acarinha-o como figura grande que é do toureio contemporâneo.

Como em épocas anteriores, Simão da Veiga lá voltou este ano também. Dos êxitos alcançados, falaram a seu tempo os jornais, transcrevendo telegramas de Madrid, Barcelona e Valência. Sabendo-o de volta, o interesse natural de que nos falasse da actualidade tauromáquica no país vizinho, levou-nos a procurá-lo. A simpatia com que nos acolheu e a avontade que nos permitiu o seu cavalheirismo, quasi nos fez esquecer o motivo porque o procuráramos e deu-nos ânimo para fazer algumas perguntas que podem considerar-se indiscretas. Quatro foram elas. Simão da Veiga, nem sequer esboçou uma contrariedade ao ouvir as e com uma franqueza que é retrato fiel de raros dotes de carácter e inteligência, respondeu-nos com um desassombro que é grato registar.

Eis o curto inquérito que fizemos e a magnífica clareza das respostas: — Está satisfeito com os resultados conseguidos em Espanha?

— Sim, muito. O toureio a cavalo não está ainda bem radicado no espírito do público espanhol, e por isso é ingrato tourear para ele. Penso, contudo, que conseguí compreendê-lo, e daí a razão dos bons resultados artísticos conseguidos com relativa facilidade. Eu tenho sempre o cuidado de estudar os públicos para quem tenho que exhibir-me, o que considero de decisiva influência no êxito dum toureiro. No México pude constatar todo o valor desse estudo. Dessa forma, tenho conquistado, não só ovação mas ainda as mais sensibilizadoras provas de aprêço, provas que chegam a tomar expressão vinca-díssima, como, por exemplo, a dada por Juan Belmonte (pai), que uma tarde, em Valência, chegou a «bregar» para mim.

— Diga-nos, Simão, o que pensa do futuro do toureio a cavalo?

— Penso que não será bom a avaliar pelo desinteresse, cada vez maior, que o público manifesta por ele. E a culpa é de nós próprios cavaleiros, que se não sabem impor. Se assim não fosse, nunca seria possível dar-se aos toureiros estrangeiros de pé muito maior importância que aos cavaleiros. É claro que isto influe em todos os aspectos. Senão, veja: Fêz-se em Algés a corrida em benefício dos vendedores de jornais. Durante toda a semana o meu nome serviu de propaganda, à base das minhas exhibições em Espanha. No entanto, inutilizado um touro, o prejudicado foi o cavaleiro, quando era natural que o tivesse sido um dos quatro espadas que completavam o

cartaz. Tal desinteresse reflecte-se, evidentemente, nos honorários. Toda a gente sabe as despesas que tem um cavaleiro tauromáquico. «Como se compreende, então, que se lhe pague a terça parte, quando não menos, do que ganham certos toureiros de pé? Isto no nosso país, porque em Espanha o caso é diferente. Em Oviedo, por exemplo, no ano passado, toureí com «Manoleta» e Belmonte; pois enquadro estábelescer-se a igualdade, trinta e vinte mil pesetas, eu cobrei vinte e duas mil. O desequilíbrio quasi não existe. Se juntarmos a tudo isso o limitadíssimo número de corridas que um cavaleiro faz, não me parece demasiadamente arriscado prognosticar um mau futuro para o toureio a cavalo, pois ninguém, certamente, abraçará uma profissão que antecipadamente sabe que só lhe dará prejuízo.

— Sem dúvida alguma! O público quer emoção, e as embolações furtam-na por completo. Acho por isso que deve estabelecer-se a igualdade. Habitado às pontas serradas, o público aceita-as como se em nada fosse afectado o perigo da lide — o que não é verdade. Todos têm presenciado colhidas que, sem essa defesa, seriam fatais. Note-se ainda que a falta da extremidade da haste obriga o touro a errar a cornada. De qualquer maneira, o que não há dúvida é que o perigo fica diminuído. O público, porém, alheio a tal, emocionasse, o que não acontece com as embolações. A salvaguarda do toureio a cavalo pode estar em aumentar-lhe a emoção, o que se conseguiria com a lide dos toiros em tais condições, o que não aumentaria demasiadamente o perigo para as montadas. Isto, é claro, nas praças que reúnem condições, porque há algumas com redondéis pequeníssimos em que não seria possível tal prática. Já há tempos abordei publicamente este assunto, mas embora o fizesse em defesa de toda a classe, as minhas palavras não encontraram o eco que esperava.

— Uma pergunta mais, Simão da Veiga: O que pensa da recente solução do conflito tauromáquico hispano-mexicano?

— Que dela resultará um bem para a «afición», embora com isso se prejudiquem os toureiros espanhóis. Em Espanha, actualmente, há apenas dois ou três toureiros que verdadeiramente interessam aos públicos que procuram novidades e competências. Os mexicanos voltam, por isso, na melhor altura, e terão um ambiente excepcional para se exhibirem, estabelecendo a competência que estava fazendo falta nas arenas espanholas.

— Era tarde. Simão da Veiga tinha que tomar o vapor, iniciando a viagem que o levaria a terras do Alentejo. Não era possível prolongar a palestra. Um apêto de mão, sinceramente afectuoso, um agradecimento, e estava finda a nossa missão junto do primeiro cavaleiro português que, em Espanha, na presente temporada, conseguiu continuar os triunfos de uma série que se estende até a América, até esse México distante, agora mais próximo da Europa pela solução do conflito tauromáquico hispano-mexicano.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

## No Campo Pequeno

# TRIUMFAM CONCHITA CINTRON E «CAÑITAS»

**R**ESULTOU animadíssima a corrida de a empessa do Campo Pequeno organizou para a noite de 6, com tão atraente «cartel» que, apesar do frio outonal que se sentiu e do vento forte que soprou, quisí se encher a praça.

E fêz mal quem lá não foi, porque Conchita é um valor positivo, e «Cañitas» teve uma actuação notabilíssima, das que classificam um toureiro e ficam a assinalar uma data. Ambos forneceram inolvidáveis momentos de beleza, arte e emoção — a primeira com toda a graça juvenil da sua airosa figura, o segundo estabelecendo um contraste admirável, pleno de valentia máscula, séria, arrogante. As suas «faenas» ficam como modelos do que deve ser o toureiro feminino e masculino: um, graça, alegria, leveza; outro, seriedade, coragem, mando — nos dois, porém, arte pura, beleza incomparável!

Conchita, gentilíssima, tanto a cavalo como a pé mostrou possuir inolvidáveis qualidades para a arte de tourear. Na lide equestre, embora matize a lide com floreios de campo, tem o estilo português, podendo classificar-se de insuperáveis uma «tra» e os dois ferros curtos do segundo touro, assim como o que fechou a lide do primeiro, no qual, pelos terrenos que elegeu e forma como rematou, fêz recordar o seu valoroso mestre. A pé, e com o capote, patenteou um estilo fácil e colorido nas «verónicas», e os «faéris» que desenhou foram dos mais belos e bem executados que temos visto. Toureando de «muleta», principalmente na segunda «faena», conseguiu passes admiráveis, de factura impecável, num conjunto variado e alegre em que sobressaíram as séries de «naturais» com a esquerda, tudo com um perfume feminil só possível numa verdadeira senhora. Aplaudida com delírio por um público inteiramente dominado pela sua gentileza e pela verdade do seu toureiro, deu voltas à praça e saiu os «médios», uma das vezes justamente acompanhada por D. Rui da Câmara.

«Cañitas» conseguiu um triunfo expressivo como raros toureiros terão conseguido no redondele do Campo Pequeno. Encarne em tudo — insuperável mesmo. Com o capote lanceou colossalmente à «verónica», e colossais foram também as «gaoneras». Bandariilhando, dos seis pares cravados todos resultaram assombrosos de arte, precisão e valentia. As «faenas» de «muleta» — várias vezes interrompidas por aclamações — foram extraordinárias. Neelas exhibiu «Cañitas» um toureiro sério e verdadeiro, mandando os toiros com espantoso valor e o mais requintado estilo. Voltas à praça — três foram — elas e saídas aos «médios», a tudo o pú-

blico o obrigou, no meio de ovações de louco entusiasmo.

«Viscaíno», que se apresentava em Lisboa, encontrou pela frente o pior lote de toiros, talvez os únicos pouco bons do excelente curro de João Núncio, a quem o público ovacionou justamente. Não pôde, por isso, «Viscaíno» ir muito longe, mas assim mesmo se mostrou toureiro sabedor, fino e elegante.

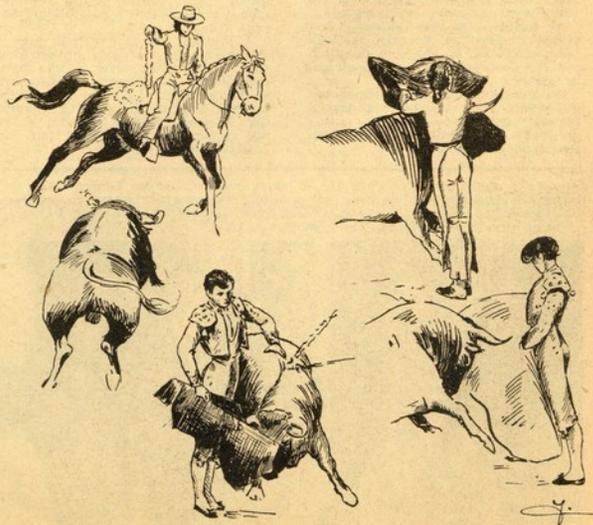
Gregório Garcia despediu-se do público da capital, com uma actuação que de princípio se mostrou apática, talvez porque logo de entrada uma parte da assistência se manifestou injusta. Redimiou-se depois em algumas «verónicas» boas e em «chicuellnas» de bom sabor toureiro. Com as bandarilhas conseguiu apenas um bom par, mas toureando de «muleta» chegou a provocar entusiasmo pela elegância e bom estilo de alguns «naturais» com a direita e por uma série de «manoletinas», três delas francamente colossais. Em consequência disso, ouviu justas palmas e deu volta ao redondele.

Dos subalternos há a destacar Augusto Gomes, sempre bem na «brega» e num par de bandarilhas, Dias e Rodrigues em algumas intervenções, e a boa vontade de Rogério Amaro. Procópio e Correla foram os piões ideais para Conchita — sempre atentos e oportunos.

### O FESTIVAL DE ALGÉS

Os recentes sucessos obtidos pelas toureiras espanholas Angelita Alamo e Carmen Marin nas praças da Nazaré e Évora, deram ao festival de Algés certo ambiente, que se traduziu em boa afluência de público. Afinal, não teve o menor interesse, pois Carmen, colhida em Moura, não pôde comparecer, e Angelita, encontrando pela frente uma vaca das piores intenções, foi volteada com aparato, tendo que recolher à enfermaria fortemente contundida. Dando prova de valentia, voltou depois em manifesta inferioridade, para haver-se com outra vez pior ainda do que a primeira. Apontámos-lhe, contudo, além da valentia, uma «rebolera» de gracioso desenho e uma «chicuellina» justamente aplaudida. Gostáramos de a tornar a ver, mas com animais toureáveis, e, sobretudo, puros. Com rezes corridas nada se pode fazer de mérito, e quando, como em Algés, saem em pontas, o caso pode revestir-se das cores mais graves, pelo que deve merecer a pronta atenção das entidades competentes.

Os amadores que intervieram divertiram o público com vários tram-bulhões, felizmente sem consequências. Acordando a todos, esteve incansável Carlos Matias que, com Agostinho Coelho e José Rosa, auxiliaram a lide.



Conchita, Gregório e «Cañitas», na corrida do Campo Pequeno

# DE PEQUENINO... COMO SE FÁZ UM CAMPEÃO DO MUNDO!...

N ESTA reportagem gráfica apresentamos aos nossos leitores uma «esperança» americana, «Esperança» por razão tripla: por ter jeito e intuição, e por... ser parente de um nome que foi famoso nos «rings» universais, e... por usar também esse nome!...

O «herói» que aqui vêem tem sete anos e chama-se John L. Sullivan, primo do «boxeador» que foi chamado o «forte rapaz de Boston»!...

Pois este rapazinho, que pelos vistos também virá a ser forte, é um «fan» pela arte do sôco. Não pensa noutra coisa. Camarada da sua igualha que encontre, já sabe que tem de o aturar, que é como quem diz, de medir forças com êle...

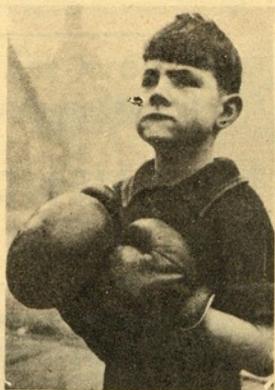
John L. Sullivan, que conhece a fundo — a dormir até... — a história plástica do seu primo, pretende ser um digno sucessor. Poderá não estudar mais nada, mas «box» estuda com certeza...

Depois, encontrou um avô de oitenta e cinco anos tão doidos — perdão, queríamos dizer tão entusiasmados como os sete dêle... — que também percebe de «box», como todo o bom americano, e se intitula ufanamente o seu treinador!...

...Basta, porém, de prosa. É melhor passarmos a vista pelas fotos, que falam expressivamente.



Na cozinha instalou-se o saco de areia, no qual John L. Sullivan enrije os músculos e adquire potência de sôco. Sorriente, o avôzinho assiste ao treino.



Uma expressão de John, que revela decisão e confiança...



O chamado «sparring partner», Jimmy Tuxford, gordo e anafado, prepara-se para levar uma saravada de sôcos...



...e leva mesmo, como se vê nestas fotos, demonstrando uma vez mais



Que os homens não se medem aos pa'nos, nem pelas gorduras...



Um quadro familiar e sem sôcos: John vai a passeio com o avô!...

# DESPORTO

## No jeito de carta aberta ao Carnide Clube

**H** A tempos, numa determinada manifestação clubista, fizeram-se afirmações que impressionaram o meio desportivo.

O Carnide Clube, pela boca do seu presidente, declarava alhear-se futuramente das pugnas «basketistas», por discordar de certa medida tomada pelo organismo máximo da modalidade.

Mais ainda: o presidente do Carnide, um dos primeiros jogadores portugueses, treinador e técnico, cujos méritos ninguém até hoje ousou contestar, pelo contrário, todos louvando «una voce», afirmou que se destinava igualmente do «basket».

Quanto a nós, duas facetas há a encarar: a attitude do homem e a attitude do clube!

A primeira, a consumar-se, é francamente de lamentar, porque, actuando embora há três décadas, o jogador está ainda em plena pujança. Mas, evidentemente, êle é senhor dos seus actos e tomará a decisão que muito bem entender. A attitude, boa ou má, oportuna ou inoportuna, ficará com êle.

O mesmo caso se não dá, porém com o clube — aglomerado de indivíduos. A opinião do seu Presidente, de que a agremiação deixaria as competições oficiais do «basket-ball», modalidade onde tem vincado posição invejável, pelos louros de vencedor e concomitante propagandista, foi arriscada — mesmo extemporânea, até perigosa!... Porque a vida de uma colectividade não depende da vontade de um individuo, mas sim da de todos os seus associados reunidos em assembleia.

Justificamos a razão dos adjectivos que atrás ficam: arriscado, extemporâneo, perigoso!

Arriscado, porque o Presidente do Carnide poderia ver-se, acto continuo, desautorizado pelos seus colegas de direcção, ou por um grupo de sócios que não partilhassem das mesmas idéas.

Extemporâneo, porque deliberações dêste carácter e desta gravidade requerem calma reflexão, e quasi que podíamos jurar que no momento estava ausente.

Perigoso, porque êstes tremores intestinos geram um mau estar indizível nas agremiações, que se reflectem desastrosamente no seu dia-a-dia. E o que está succedendo no Carnide, cuja sede há semanas foi evitada ao ostracismo pela maioria dos sócios — aquêles sócios que todos os dias, ou tôdas as noites, compareciam a «marcar o ponto» fielmente...

Sente-se o mal-estar. Há uma atmosfera pesada. Não se sabe o que se irá passar! Que é assim, que não exageramos — e Deus nos livre de fazermos tal em momento tão crítico — vamos mais longe até: em Carnide fala-se já na fundação de outro clube!...

Senhores de Carnide: não pensem nisso! Ponham de parte idéas excêntricas e nocivas à própria essência do desporto. Reïnham-se, sim, em volta da bandeira do Carnide Clube, que já existe, e que é uma «agremiação»; ponham de parte malquerenças e desconfianças; não blasonem com fantasias, impróprias de quem tem uma cabeça bem assente no tronco; dêem-se as mãos e congracem as boas vontades (e tantas há em Carnide...) — e verdo que para o Carnide continuar a ser o que era, não necessita de novo impulso; basta manter o que trazia até aqui!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

## Os candidatos a funcionários do apito

**E** STA eleita a nova Comissão Distrital dos Árbitros de Lisboa para a vigência de 1944-45, e que é a seguinte: Presidente: Major Joaquim Martinho; Vice-Presidente: Eduardo Pombo; Secretários: Capitão Saigueliro Máximo e Carlos Alves Lopes; Tesoureiro: Luís Manuel Gonçalves.

E já que falámos em árbitros, vem a propósito dizer que continua aberta a escola para quem queira iniciar-se na difícil, quão ingrata arte do manejo do apito!...

Esta escola, que se deve ao nosso prezado camarada capitão Ribeiro dos Reis, um dos homens que, com Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas, mais têm pugnado em Portugal pela divulgação e conhecimento das leis do futebol, era para ter encerrado a sua inscrição em Agosto, mas

numa medida muito inteligente foi decidido prorrogar prazo, para dar azo a que se pudessem alistar especialmente rapazes de liceus, faculdades, etc.

O número de candidatos, presente, é de cerca de 80, e prevê-se que suba ainda, nestes dias mais próximos.

Depois de devidamente preparados, os futuros árbitros são submetidos a exames teóricos e práticos, êstes em pleno campo, a «sério», em jogos de relativa responsabilidade, mas que não deixam de ser erigidos de espinhos.

Nessas partidas têm de vir à superfície não só a «bagagem» dos examinandos, como as condições de calma, reflexos rápidos, gope de vista e autoridade consciente.

Enfim: são de louvar e de aplaudir todos os bons propósitos de aumentar e valorizar a classe dos árbitros de futebol — o mais popular de todos os desportos.

E de desejar seria que outras modalidades seguissem o exemplo. Evitar-se-iam cenas tristes e que nada dignificam os seus protagonistas, que se apodam de homens de desporto!...



Fernando Sacadura, o magnífico nadador do Algés e Dafundo, foi há dias homenageado pelo seu clube por ter completado um quarto de século de actividade desportiva. A gravura representa o nadador momentos antes de ser condecorado.

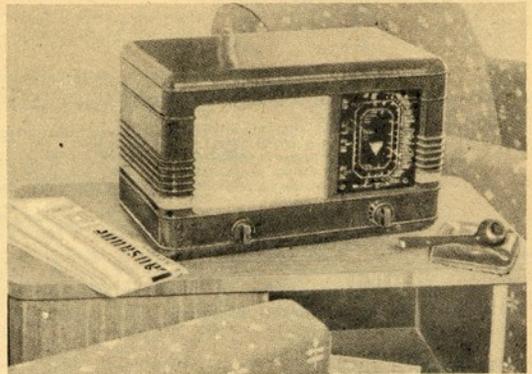
**"Stand" A. RODILES, L.<sup>DA</sup>**  
 APRESENTA AS SUAS BOAS MARCAS  
 DE VINHOS E LICORES NA FEIRA POPULAR



Agentes Depositários de:

Porto «DELAFORCE»  
 Madeira «IZIDRO»  
 Madeira COMP. VINICOLA DA MADEIRA  
 Whiskies: BULOCH LADE  
 «B. L.» Gold Label e OLD RARITY  
 Lóndes «Dry Gin» CAT & BARREL  
 Cerveja inglesa em latas «BARCLAY'S»  
 Brandy «DELAFORCE»  
 Brandy «CORONEL»  
 Vermouth «MARTINI»  
 Licores, Espumantes, Etc., etc.

## RÁDIO "BIENNOPHONE"



NOVA REMESSA DÊSTES  
 MARAVILHOSOS RECEPTORES

VENDAS A  
 PRESTAÇÕES

Est. Valentim de Carvalho  
 Rua Nova do Almada, 97

## DIÁLOGOS ... TANGO ARGENTINO

(Continuação da pág. 21)

mas «Linhas Góticas!» — gargalhou o tenente.

Nesta altura um criado veio entregar-lhe uma carta que vi de passagem carimbada pelos serviços da sua legação exilada. Abriu-a e com o olhar a cantar-lhe:

— *Messieurs*, as tropas aliadas, com duas divisões francesas à frente, acabam de desembarcar no sul da França!

— Onde?

— Na Côte d'Azur!

— Ah! exclamou a nossa elegante companheira abrindo os braços e desolando o olhar. Eis o que faltava para a guerra total!... A Rússia!

E, dentro de minutos, enquanto se servia o chá, o silêncio de uma curta reflexão suscitada por este brado que soava como um adeus lancinante a uma doçura de viver que se extinguiu, deixou-nos ouvir melhor os sussurros do mar, profanados pelo estridor selvático do motor de um avião, espavorindo as gaiotas do litoral.

FRANCISCO VELOSO

## HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 20)

premo Tribunal entendia que a sua escolha, nos termos constitucionais, devia ter a sanção real que foi pedida. O soberano, considerando as condições excepcionais em que o país estava vivendo, deu essa aprovação.

Os acontecimentos estavam incompletamente esclarecidos e era difícil prever o que ia passar-se, tanto mais que se tornara evidente que a guerra entrava numa fase de grande intensidade no ocidente da Europa. A Noruega tinha o seu destino em causa mas esse destino não podia ser separado do que se passava no resto do continente onde a luta prosseguia com uma violência crescente e com resultados que, mesmo nos mais bem informados, se afiguravam problemáticos e duvidosos. A fase de indecisão inicial ia, porém, ser rapidamente esclarecida pela marcha veloz dos acontecimentos nos campos de batalha e nos gabinetes das chancelarias.

(Continua)

(Continuação da pág. 24)

recomendava-lhe cautela com as filhas do primeiro matrimónio de sua mulher, que considerava «uma palerma sentimental». O Tripa Sêca desfazia-se em gentilezas e promessas, pensando nos mistérios do cofre que sabia estar no quarto de dormir dos futuros sogros. Mas quando o tango morreu de vez no piano, as suas palavras foram unicamente estas:

— Senhor Noronha, se eu não vencer como médico, decido-me ao contrabando de fronteira. Ganha-se uma fortuna! A Galiza paga bem...

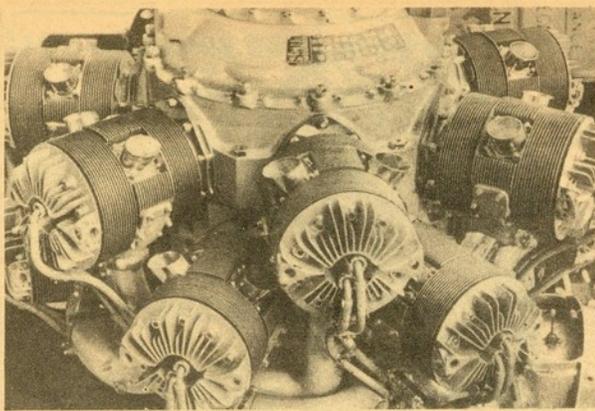
O sr. Noronha, que era um homem sério e medroso, encolheu os ombros, receoso, e nada respondeu. O casamento acabou por malograr-se. O luar e o tango argentino haviam-se aliado e obtido, ao cabo, a felicidade da Marôta. O Tripa Sêca, derrotado, emigrou para o Brasil.

## SABE DE QUEM SÃO ÊSTES OLHOS?

(Continuação da pág. 6)

- 1) Charles Boyer.
- 2) Bette Davis.
- 3) Kay Francis.
- 4) Spencer Tracy.
- 5) Robert Taylor.
- 6) Paul Muni.

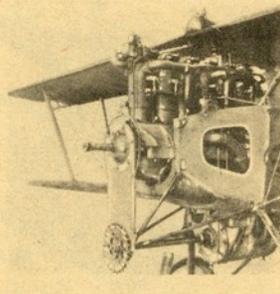




1914-1939...

ESTAS duas fotos ilustram maravilhosamente o progresso técnico entre as duas grandes guerras. As repetidas crises advindas da actual sistema económico deram origem ao que se chama o «stímulo das patentes de invenções», quando as invenções se referiam a melhoramentos nas indústrias pacíficas e úteis. Há milhares de patentes aguardando a oportunidade de beneficiar a humanidade; mas este estado de inquietação económico-político-social fez progredir até à vertigem tudo quanto fôsse susceptível de utilização guerreira. O avião, por exemplo, atingiu uma perfeição enorme. Comparem-se as duas fotos — e pense-se se não será possível fazer progredir, e muito, a técnica, com um labor sistemático e racional, numa sociedade «de facto» humana.

cênica, com um labor sistemático e racional, numa sociedade «de facto» humana.



## RELIGIOES E RELIGIOSOS DO MUNDO

UM leitor desta página pediu-nos que publicássemos uma lista da distribuição das religiões no Mundo e do número de adoradores que cada uma delas conta.

Por tal assunto nos parecer de interesse e ponto de partida para necessárias meditações sobre um aspecto da vida social dos homens, aqui fazemos referência a algumas religiões, não a todas, mas sim às principais.

Na Europa contam-se 201.855.000 católicos (43 % da população total); 234.529.575 cristãos não católicos (50 % da população total) e 31.340.816 não cristãos.

Na América do Norte os católicos são em número de 52.513.320 (33 % da população), os cristãos não católicos são de 85.540.818 (54 % da população) e os não cristãos 21.000.150 (13 % da população).

Na América do Sul, existem 730.050.585 católicos, 541.984 cristãos não católicos e 1.551.602 não cristãos.

Na África, há 5.387.678 católicos, e 9.103.725 cristãos não católicos. Quanto aos não cristãos são em número de 125.574.630 (89 % da população).

Finalmente na Ásia, encontram-se 17.038.874 católicos (2 % da população); 9.450.545 cristãos não católicos (1 % da população), enquanto que a grande massa não cristã, se eleva ao número de 870.354.614, ou seja 87 % da população.

As percentagens gerais das diversas religiões no mundo, estabelecem-se da seguinte forma:

Católicos .....	19 %
Religião de Confúcio...	16,4 %
Muculmanos .....	13 %
Religião Hindú .....	12,1 %
Budista .....	10,8 %
Protestante .....	8,9 %
Sismáticos .....	7,1 %
Animistas .....	6,6 %
Sem religião.....	5,2 %
Judeus .....	0,9 %

## Os Mistérios da Neve

O destino do vapor de água que vai para as regiões superiores da atmosfera depende da temperatura a que a condensação (isto é, a passagem do vapor a liquido) tem lugar. Se a temperatura está acima do ponto de congelação (zero graus), o vapor de água condensa-se nos pequenos traços de fina poeira que flutuam no ar para formar gotas de água que têm só o diâmetro de 1/3.000 duma polegada. Estas gotas vão-se acumulando e produzem uma névem. As névems só se desfazem e caem na forma de chuva, pela maior condensação do vapor de água de 1/20 a 1/10 de polegada. É importante também a existência de poeiras.

Se a temperatura a que o vapor de água se condensa estiver abaixo do ponto de congelação, ou se a condensação subsequente nas minúsculas gotas de água formadas acima do ponto de congelação, tiver lugar à temperatura mais baixa, o vapor de água condensa-se, não em pequenas gotas mas sim na forma duma névem de pequenos cristais. Estes cristais aumentam gradualmente de tamanho até que os flocos de neve, tornando-se demasiado pesados para serem sustentados pelas brandas correntes de ar, caem — e há neve.

Os cristais de neve são belos. O seu tamanho e forma dependem das condições em que foram formados, mas no entanto quasi todos eles hexagonais ou formados de seis raios. Os desenhos variam até ao infinito. O investigador americano Bentley já tirou 4.800 fotografias, todas elas diferentes.

Durante os meses frios, a neve forma um «coberto» para a terra. Isto que parece estranho, é devido ao ar encerrado nos flocos. Quando a neve começa a derreter-se, desaparece com estupenda rapidez, visto que 20 litros de neve se reduzem aproximadamente a 1 decilitro de água; o restante do volume da neve é formado de ar aprisionado dentro dela, e o ar em que não pode haver movimento algum, é mau condutor do calor. Tem-se verificado casos em que a terra, por debaixo da neve, se acha 15 ou 20 graus mais quente do que o ar acima da neve.

## O Romance da digestão

### I UMA ESTRANHA FÁBRICA DE DESMONTAGEM

**H**A no corpo do homem médio mais de um quadrilhão (um 1 seguido de quinze zeros) de células. As células são as unidades primárias e indivisíveis de todo o organismo. E todas estão em permanente actividade, gastando energias e necessitando de produtos reparadores, de que os organismos se fornecem ingerindo alimentos.

Que qualidades de alimentos precisa o organismo? Em primeiro lugar, combustível, substâncias aptas a ceder energias quando oxidadas; em segundo lugar, materiais para o crescimento do corpo e reparação dos desgastes naturais em todas as máquinas. Há ainda outras substâncias necessárias como a água e o sal, que são apenas os constituintes do fluido que banha as células. E, finalmente, são imprescindíveis certos «factores alimentares acessórios», as vitaminas.

A água exerce um grande papel na máquina viva, e é o artigo de consumo mais simples. Cerca de 59 % do corpo humano é constituído por água. O corpo está constantemente a perder água pela pele, pelos pulmões e urinas. Um homem pacato precisa de um litro e meio de água por dia.

Mas, além da água, os homens ingerem outras substâncias, providas dos tecidos dos animais e plantas, e é função do organismo adaptar essas substâncias às suas necessidades. Para tal efeito, opera-se uma série complicada de acções químicas.

Para aproveitar os alimentos, o aparelho digestivo é forçado a fragmentá-los. Por exemplo: as substâncias com que os organismos reparam os seus desgastes e crescem, são as «proteínas», que, em parte, podem ser também usadas como combustíveis. A gelatina e a clara de ovo são proteínas puras. Dos alimentos mais comuns, são a carne, o queijo e as sementes vegetais (feijões, ervilhas, lentilhas, etc.) os mais ricos em proteínas. Mas as proteínas do corpo humano não são iguais às dos vegetais e às dos outros animais, de modo que o organismo precisa realizar uma adaptação. Podem imaginar a constituição química das proteínas como um grande e sólido «castelo de cartas», e, no caso das proteínas, estas cartas seriam uns compostos chamados «amino-ácidos». A tarefa da digestão é deitar abaixo este «castelo de cartas». O sangue absorve os amino-ácidos e transporta-os para os tecidos; as células que constituem os tecidos agarram esses amino-ácidos e com eles compõem as proteínas especiais de que precisam.

O mesmo que se dá com as proteínas, sucede com os «hidratos de carbono» e as «gorduras». O hidrato de carbono mais simples é a «glicose» ou açúcar-de-uvas, que é o açúcar existente em muitos frutos. Esta forma de hidrato de carbono é a que circula no sangue. E todos os outros hidratos de carbono, como o amido das batatas, ou o açúcar que usamos na nossa mesa, têm de ser reduzidos a glicose a fim de serem assimilados. O mesmo se dá com as gorduras, que são desdobradas em glicerina e ácidos gordos. A água e os sais minerais têm «moléculas» (as mais pequenas porções possíveis duma substância; não são visíveis ao mais poderoso microscópio) bastante simples para não necessitarem de qualquer reajustamento.

Além de decompor os alimentos em factores mais simples para a reconstrução protoplásmica (e o protoplasma é o corpo das células), a digestão também serve para transferir os alimentos do tubo digestivo para a verdadeira intimidade do organismo. Substâncias insolúveis, como o amido, são transformadas em compostos solúveis, para esse fim. E quando as moléculas, como as das proteínas, são muito grandes, são convertidas noutras menores que, com mais facilidade, atravessam a parede intestinal. Estes são os objectos concomitantes das operações químicas descritas.

Estas desmontagens dos alimentos — dos «castelos de cartas» — efectua-se por processos delicados e precisos. As moléculas não são despedaçadas à bruta, mas com método, e apenas na medida necessária. E quando uma molécula é desmontada, surgem as substâncias de que a molécula era constituída.

Caminhando ao longo do tubo digestivo, desde a boca, o alimento é tratado e modificado por uma série de «especialistas químicos» — os «enzimas», tendo cada qual uma certa acção e um nome. Na saliva, a «ptialina» (um dos enzimas) ataca, por exemplo, o amido do pão; no estômago, o trabalho é completado pela «amilopsina» e pela «maltase», originando as «dissacarídes», e por fim a «glicose».

A maltase, que actua sobre as dissacarídes, nada pode fazer com uma molécula intacta de amido. Por outro lado, a maltase recusa-se a trabalhar em meio ácido; por isso o organismo precisa neutralizar, no intestino, a acidez do suco gástrico. A ptialina, que executa as primeiras operações, não pode ir além de certas fases do processo. Ptialina e maltase têm de colaborar.

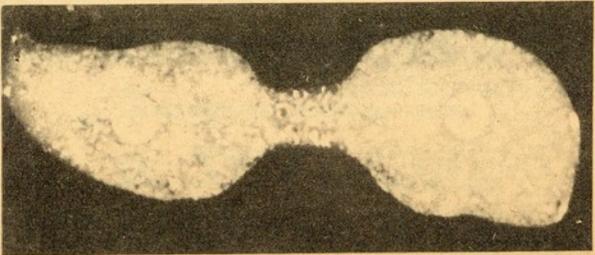
Agora já se está apto a assistir aos mistérios seguintes da digestão.

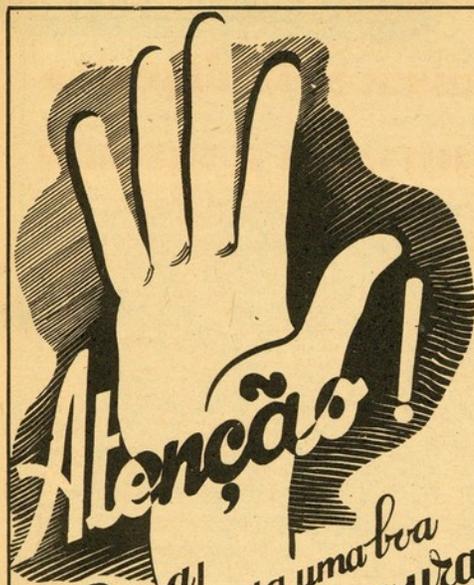
## VE-SE aqui, num flagrante microscópio curioso, um animal formado por uma só célula

## VIDA ETERNA

em pleno acto de se dividir em duas porções que irão constituir dois novos animais. Todas as particularidades essenciais, todos os pequenos órgãos da célula-mãe, são divididas em partes iguais pelas células-filhas. Quando é atingida a maturidade e o envelhecimento surge, dá-se esta divisão. As células filhas são, porém, jovens; tudo parece rejuvenescer com semelhante divisão. E aqui nunca há morte, a não ser por acidente — visto o mesmo animal repetir nos dois a que deu origem, e assim sucessivamente. No corpo humano também há células imortais: são as células sexuais, sempre originando novos seres, transmitindo por toda a eternidade o facho da vida.

cer com semelhante divisão. E aqui nunca há morte, a não ser por acidente — visto o mesmo animal repetir nos dois a que deu origem, e assim sucessivamente. No corpo humano também há células imortais: são as células sexuais, sempre originando novos seres, transmitindo por toda a eternidade o facho da vida.





**Atenção!**

V. Ex. deseja uma boa gravura?

FIXE BEM ÊSTE NOME:

**BERTRAND**  
IRMÃOS, L. D. A.  
OS MAIORES ATELIÊRES GRÁFICOS DO PAÍS

Executam com a máxima perfeição todos os trabalhos de Fotogravura, Tipografia, Offset e Desenho

Travessa da Condessa do Rio, 27 — LISBOA — Telefones P.B.X. 2 1227 - 2 1368



**FÁCIL CAPTAÇÃO**

A famosa marca suíça de reputação mundial apresenta os mais belos aparelhos de rádio do mundo, combinados com discofone simples ou automático.

**Rádio Pailard**

TÃO fácil captar ondas curtas como as médias. Possibilidade de ouvir as emissoras mais longínquas do mundo e por duma sonoridade incomparável produzida pelo seu grande alto-falante tipo «concreto».



COM desdobramento das ondas curtas em 5 bandas

Representante: M. SIMÕES Jr.  
Rua da Conceição, 46, 1.º — LISBOA

Distribuidores: DAVID J. LOPES, LDA. Rua da Prata, 266, 1.º — LISBOA

Agente no Norte: J. CAMIZAO JR. R. Sta. Catarina, 55, 1.º  
— PORTO; Agente no distrito de Leiria: R. GIRÃO — CALDAS DA RAINHA; Agente em Santarém: JOSÉ MARIA CHAVES — SANTARÉM; Agente no Algarve: CASA DO RADIO, Rua Vasco da Gama — FARO



**...Aqui América**

**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
11,45	WRUS	30,93	WRUA	25,45	WKLJ	30,75		
12,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGSO	19,56		
13,45	WRUS	19,83	WRUA	26,45	WRUW	25,56	WBOS	19,74
16,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,57	WRUW	16,91
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	16,91		
19,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEA	25,33	WGEX	16,78
20,15								
20,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,57	WGEX	16,78
21,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WRUL	25,58	WKLJ	30,77
22,45	WRUS	19,83	WRUS	30,93	WKLJ	30,77		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 18,45 às 19.

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA**

*Escola de corte, costura e chapéus*

**M. ME JUSTO**

Séde, Direcção e Secretaria:  
**Rua de S. Lázaro, 127, 1.º e 3.º andar**

*A melhor e mais freqüentada de todo o país*

**Cursos diurnos e nocturnos**

É nesta Escola, a primeira do País, que tôdas as senhoras poderão, sem grande sacrifício auferir um modo de vida sério e honesto pelo qual possam olhar o futuro sem apreensões. Tôdas as alunas poderão ter 6 ou 9 horas de aulas por dia e as suas lições são sempre ministradas individualmente e nunca em conjunto. Os cursos desta Escola não são por número de lições antecipadamente estipuladas nem por tempo determinado, mas por todo o tempo necessário a uma superior aprendizagem. Brevemente nos nossos salões do 3.º andar será inaugurada uma exposição de trabalhos em alta-costura e chapéus cuja execução será feita exclusivamente pelas suas alunas. Esta exposição será única e original e pela sua grandiosidade e beleza marcará, decerto como um acontecimento inulgar.

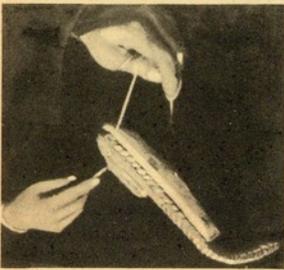
Pedidos de convite, à Direcção desta Escola.

## Como se fazem umas solas modernas



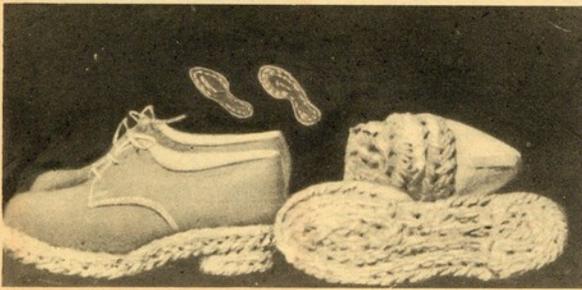
No campo, os felizes parecem esperar que alguém os leve. Destinam-se a várias coisas. E entre elas, servem para as solas dos nossos sapatos.

Eis uma fase da confecção cuidada da trança...



...que, depois de pronta, é cosida por mãos habilidosas.

E agora, aqui temos, finalmente, os sapatos engraçados, resistentes, cómodos e económicos. Não será assim?



## Vamos cuidar das mãos, leitora!

NADA de coisas complicadas, boas para ler, mas péssimas para seguir. É tão fácil, afinal, podermos apresentar mãos elegantes e tratadas, mesmo que tenhamos alguns trabalhos caseiros!

Ora vejamos: a sua mão é muito gorda? Torne-a mais adelgadaça, dando-lhe massagens de manhã e à noite com um bom creme. Mas cuidado, leitora, não vá esquecer os dedos: é necessário que essa massagem se faça das unhas até ao pulso.

A epiderme é rugosa e muito seca? Faça apenas isto: ao lavar as

mãos, tenha o cuidado de preferir água fria e um bom sabonete. Evite o mais possível o contacto com este sabão de cor indecisa, agora tão vulgar.

Se a pele é demasiadamente seca, na água em que se lavar dete uma colherzinha de bicarbonato ou borato de sódio. Depois, com um creme da sua preferência, experimente uma leve massagem que lhe dará frescura e macieza à pele.

Se os dedos estão muito escuros pelos trabalhos domésticos, antes de pôr o creme, fricione-os numa metade de limão e deixe-os enxugar em seguida.

Mas atente nisto: sempre que lavar as mãos, deve enxugá-las cuidadosamente. Não as deixe secar por si próprias, expostas ao ar.

Se a epiderme é muito grossa e encarniçada, experimente dar-lhe um banho de azeite uma vez por semana. Quanto às unhas, já se não usam demasiadamente ponteadas. Antes de as esmaltar, tenha o cuidado de as limpar convenientemente com um bocadinho de algodão embebido em água oxigenada. E se elas se partirem muito, dê-lhes também um banho, de vez em quando, com azeite fresco.

Pode parecer complicado este tratamento, mas repare que não é.

Vale bem a pena, leitora, perder alguns minutos com as vossas mãos. Por mais «chic» que esteja, as vossas mãos envergonhá-la-ão, se não se apresentarem cuidadas!



## PAGINA FEMININA

### Àcerca de Gabriela Mistral

**G**ABRIELA Mistral — um nome conhecido de muita gente — é o nome adoptado por Lucila Godoy Alcayaga, nascida no Chile em Abril de 1889. Mas quem conhece Lucila Alcayaga? Quasi ninguém. Contudo, se em vez de Lucila falarem em Gabriela Mistral, então, sim, esse nome soará diferentemente a muitos ouvidos. E quem é Gabriela Mistral? Que fez ela?

O primeiro facto que marcou a sua vida foi o seu amor imenso, desmedido, por um jovem estrangeiro, belo e culto que soube cativá-la. Esse jovem deixava-a, por vezes, apressiva. Muito apressiva! Oh! se ela pudesse perceber a razão daquelas tristezas súbitas que lhe faziam morrer o sorriso nos lábios!

Gabriela esforçava-se por desvendar o desgosto que enublava o olhar vivo do seu enamorado. Mas nada conseguia. E se lhe fazia qualquer pergunta, como resposta ele tinha apenas um sorriso mais terno ainda, enquanto os seus dedos afilados lhe acariciavam as pálpebras, num gesto nervoso, como se recessasse o olhar pesquisador e inteligente da sua amada. E em 1909, inesperadamente, esse jovem tão belo e tão estrangeiro, esse jovem pouco mais velho do que ela, pôs termo à existência, deixando no coração de Gabriela um vácuo imenso que nem a própria saúde soube preencher.

Para a enamorada Gabriela, o suicídio do noivo foi um golpe tremendo. Desolada, refugiou-se então nas letras e compôs os célebres «Sonetos de la Muerte», que em 1914 deveriam ganhar o primeiro prémio dos Jogos Florais de Santiago do Chile. Esse prémio espalhou o nome de Gabriela por todo o continente, e os seus versos, repassados de infanda tristeza e saudosa ternura, sensibilizaram quantos os lêem.

No entanto, apesar do sucesso, Gabriela Mistral, que em 1910 prestara provas brilhantes na Escola Normal de Santiago, prossegue no seu caminho de trabalho. E a ascensão começa.

Em 1911 faz parte do liceu feminino de Traiguén como professora de higiene.

De 1912 a 1918 passa a inspectora e professora de geografia no liceu de Autofagasta.

Em 1918 é nomeada directora do liceu de Punta Arenas.

Em 1922 é convidada pelo governo a ir ao México, e aí compõe o volume «Lecture para Mujeres».

E a ascensão continua. As suas faculdades de trabalho são grandes, e a sua actividade não pára. E assim:

Em 1925 sabemo-la na Europa como membro do Instituto de Cooperação Intelectual da Liga das Nações.

Em 1930 inicia nos Estados Unidos uma série de boas conferências. Pouco mais tarde, inaugura o curso universitário da Universidade de Porto Rico. E Porto Rico, em homenagem ao seu talento de poetisa e às suas virtudes de mulher, declara-a sua filha adoptiva.

Em 1932 é nomeada, pelo governo chileno, cônsul privativo em Génova, cargo que não chegou a desempenhar.

Em 1933 entra no consulado de Madrid.

E, finalmente, em Maio de 1936, desempenha as mesmas funções como representante consular do Chile em Lisboa e no Porto. Depois, regressa à pátria. Continua a escrever. Em 1940, chega a dizer-se que lhe será concedido o Prémio Nobel. Mas a guerra desviou o mundo das coisas do espírito e o Prémio Nobel não foi concedido.

Tal tem sido a carreira de Gabriela Mistral. Carreira brilhante duma mulher inteligente e trabalhadora, embora triste, muito triste! A tragédia da sua juventude não abandonou mais o seu espírito sensível. Sensibilidade delicada, reflectida nos seus versos tão cheios de saudade e melancolia!

MARIALIA

ACABA DE ENTRAR TRIUNFALMENTE NA 5.ª EDIÇÃO

SABER VIVER pela Baronesa X

PREZEITOS DE CORTESIA, PRAXES E REGRAS OBSERVADAS NA VIDA EM SOCIEDADE

Visitas de cerimónia — O chá — O lanche — O jantar de cerimónia — A «soirée» — O baile — A ceia — «Cocktails» e «Portos de Honra» — Apresentações em sociedade — A correspondência: convites, cartas de condólicas ou de felicitações, fecho de cartas — O casamento: preparativos da casa para se receberem os convidados, armação e decoração da «corbeila», o cortejo nupcial — O baptizado — A comunhão — Prazeres e costumes em festas tradicionais, etc.

Um volume de 320 páginas 12\$50

À VENDA NAS LIVRARIAS

PEDIDOS À EDITORIAL-SÉCULO Rua do Século, 63-Lisboa

Respondendo às leitoras

«Ando deveras aborrecida, pois tenho 17 anos e não sendo gorda nem magra, tenho o abdómen desenvoltado. Como uma das coisas que mais prezo é a elegância, pedta-lhe que me desse qualquer conselho. Acha que se fizesse ginástica me faria bem? Não ficaria depois com musculatura como os homens?» MARILU

Creia que para o seu caso, a ginástica feita para esse fim deve ser o que mais a satisfará.

Se a ginástica for dirigida por pessoa competente, não recete ficar com musculatura, pois, pelo contrário, mais pronunciada ficará a elegância própria duma menina de 17 anos.

«Gostaria de ter umas sobrancelhas grossas e compridas.

Pode-me indicar qualquer coisa que as faça crescer?» MARIZETTE

Para engrossar as suas sobrancelhas, se não quiser usar lâpis de outra qualquer coisa no género, experimente friccioná-las, pelo menos uma vez por dia, com óleo de castor. Ao mesmo tempo que as ajudará a crescer, dar-lhes-á um brilho que lhe empretará ao olhar uma expressão mais viva.

A RECEITA DA SEMANA

BISCOITOS DE SALSICHA

Amassam-se 250 gramas de farinha com 50 gramas de manteiga; uma pitada de pimenta e sua quantidade bastante. Depois da massa bem estendida enrola-se, deixando dentro linguiça ou salsicha. Corta-se em partes iguais e dá-se-lhe a forma de biscoitos. Vai ao forno a cozer durante vinte minutos aproximadamente, e serve-se depois.

# HISTÓRIA DA GUERRA

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI  
Países ocupados — Noruega

No próprio dia em que se produziu o ataque à Noruega (9 de Abril de 1940), a capital do país, Oslo, e algumas das suas cidades mais importantes situadas no litoral, foram ocupadas pelos alemães. É a partir dessa data que deve considerar-se, portanto, a ocupação militar do país, se bem que as hostilidades em território norueguês se tenham prolongado ainda por algumas semanas, depois dos primeiros desembarques de contingentes alemães em território norueguês.

Foi em Junho de 1940, como se sabe, que a situação crítica, criada pela ofensiva da Wehrmacht no ocidente da Europa, levou os governos francês e inglês a dar ordem de retirada para os contingentes franco-britânicos que haviam sido enviados à Noruega para auxiliarem este país a defender-se do ataque alemão. A ordem de reembarque colocou o governo norueguês na impossibilidade de continuar a luta, tanto mais que esta, nas condições em que estava a realizar-se, oferecia poucas possibilidades de êxito, desde que os Aliados não podiam aumentar rapidamente o auxílio que já estavam a prestar à Noruega. Foi esta a razão verdadeira da cessação das hostilidades e o motivo fundamental pelo qual os noruegueses tiveram de passar a dirigir a luta fora do seu território.

Em 7 de Junho o rei Haakon abandonou a Noruega e seguiu para o exílio acompanhado pelos restantes membros da família real e pelo seu governo. É esse o dia que marca o início da ocupação total da Noruega. No próprio dia 9 de Abril, em que se iniciou a invasão, o parlamento norueguês (Storting) votara, por unanimidade, uma lei que dava ao soberano e ao governo plenos poderes para tomarem todas as medidas necessárias à condução eficaz da guerra e para continuarem a luta fora do território nacional, se isso se revelasse necessário e conveniente.

Esta decisão reveste-se de uma alta importância para a apreciação do que posteriormente veio a passar-se com a Noruega, país que pelas suas tradições pacíficas, pelas tendências naturais dos seus habitantes e pelos seus conceitos de vida nacional e internacional não pensava na guerra, embora não pudesse excluir a hipótese de um dia ter de suportar.

esclarecido o papel que a quinta coluna norueguesa desempenhou na ocupação do seu país, é certo que ela foi a primeira a revelar-se, em tempo de guerra, e que o seu chefe, o major Vidkun Quisling, se celebrou como símbolo dos elementos para quem a independência da sua pátria estava num plano inferior a das suas convicções políticas e das suas tendências e afinidades com os princípios raciais e políticos que norteavam a marcha do Terceiro Reich.

Quem era o major Quisling e qual a razão da sua celebridade? Quisling era um oficial do exército norueguês afastado das fileiras que se dedicara inteiramente à política e à propagação dos seus ideais. Desempenhara as funções de adido militar em Moscovo e fundara, mais tarde, na Noruega, o partido chamado de união nacional, «Nasjonal Samling», cujo credo era muito semelhante ao do nacional-socialismo alemão.

Quisling inicialmente começara por concorrer à luta legal, e o seu partido apresentara candidatura nas eleições para o Parlamento. Nenhuma dessas candidaturas conseguiu vingar na concorrência das urnas. Nem Quisling nem nenhum dos seus correligionários tiveram assento no «Storting», e essa foi, talvez, uma das razões que o levaram a abandonar a luta legal para se refugiar nos métodos revolucionários tão opostos às tendências e características do povo norueguês.

Essas eleições, realizadas depois de períodos de liberdade absoluta de propaganda para a defesa de cada um dos programas supostos à sanção do eleitorado, demonstraram que nem dois por cento da população da Noruega se decidia a acompanhar o major Quisling, entre outras razões porque os noruegueses sentiam que as suas idéias eram fortemente influenciadas por uma potência estrangeira com a qual a Noruega mantinha as melhores relações, mas que não desejava acompanhar ou imitar na condução da sua vida interna.

## QUISLING E A OCUPAÇÃO ALEMÃ

No dia 9 de Abril, data da invasão do seu país, o major Quisling anunciou, pela emissora de Oslo, que o governo do rei tinha sido destituído

e que ele próprio havia sido encarregado de organizar um governo nacional. Estas afirmações não correspondiam, de maneira nenhuma, aos factos. Mas Quisling estava em contacto directo com o ministro do Reich na capital norueguesa e ambos tinham estabelecido que era aquela a melhor maneira de levar o soberano a aceitar o facto consumado da invasão e a encarregar Quisling de formar o novo governo. Foi neste sentido que o diplomata alemão se avistou com o rei a fim de o convencer a não continuar a resistência. Esta diligência não deu qualquer resultado apreciável.

Verificando que a maior parte dos seus compatriotas estava firmemente decidida a combater as forças de ocupação, apesar da inferioridade dos meios de que dispunha para prosseguir na luta, e constatando que as simpatias da população do seu país iam para a causa dos aliados, ao contrário do que esperava o major Quisling, declarou no dia 14 de Abril que se retirava voluntariamente e que abandonava qualquer actividade política prejudicial ao futuro da Noruega. Esta promessa não foi mais tarde mantida. Quando a ocupação alemã se firmou e as vitórias do Reich em toda a Europa, e especialmente a vitória sobre a França, criaram a convicção quasi geral de que a máquina militar do Reich era invencível, o major Quisling regressou à actividade política e, de acôrdo com as autoridades de ocupação, formou um governo que assumiu a responsabilidade dos actos praticados na Noruega durante os quatro anos de ocupação decorridos até agora.

Esta mudança de atitude contribuiu para que os noruegueses deixassem de ver naquele seu compatriota apenas um indivíduo firmemente apegado a determinadas idéias, mas um elemento decidido a colaborar com as forças e com as autoridades de ocupação, mesmo quando essa colaboração era reprovada pela grande maioria do país e se traduzia por actos que eram manifestamente prejudiciais para o presente, e mesmo para o futuro, da Noruega que sempre se afirmara uma nação pacífica e devotada aos ideais de cooperação internacional baseados no respeito pela liberdade de todos os povos.

## A ORGANIZAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO NORUEGUESA

Verificado que o povo norueguês não acompanhava senão, numa percentagem insignificante, os partidários da colaboração total com o Reich, era evidente que a Noruega esperaria pacientemente o momento de recuperar a sua liberdade e a sua soberania. Mas, entretanto, era preciso viver, isto é, tornava-se indispensável assegurar a ordem e organizar a administração no interior do país.

Dessa tarefa se encarregou o Supremo Tribunal de Justiça, entidade justamente considerada e respeitada pela sua isenção e pela sua independência. O Supremo Tribunal de Justiça, com a aquiescência das autoridades de ocupação, designou, por isso, um «Conselho de Administração» composto por sete membros e presidido por uma personalidade geralmente considerada por todos os seus compatriotas, o governador de Oslo, Ingolf Cristansen.

Tratava-se de uma entidade destinada apenas a ocupar-se dos assuntos de administração pública e que, por consequência, não tinha quaisquer atribuições ou poderes políticos. De resto, na altura em que esse «Conselho de Administração» se constituiu, o rei encontrava-se ainda no território nacional e a resistência continuava. Por isso o Su-

(Continua na pág. 16)



No seu país, Haakon foi sempre um rei popular que descia ao contacto do povo.



Quisling — o major Quisling — colaborador directo do exército e dos políticos ocupantes.



No exílio, o governo do rei Haakon fomentou a força das suas unidades navais.



O exército norueguês estacionado em Iceland, desfila, em 1940, no dia da independência do seu país.



O palácio real da Noruega, envolto nas sombras dos parques luxuriantes, em Oslo.



Os fiordes da Noruega são a mais bela legenda da sua natureza. Este é o fiord de Esa.

A QUINTA COLUNA  
E OS «QUISLINGS»

Foi com a invasão, e depois com a ocupação da Noruega, que estas duas expressões se consagraram e passaram a ser correntes na terminologia que esta guerra pôs em uso. Embora não esteja completamente



ITO de Agosto, no recanto da varanda corrida, onde um capricho de ignorado novo-rico ou nostálgico requinte fizera copiar, unida por colunata lavrada, uma verdadeira amurada em rendilhado manuelino.

Ouvimos em baixo a fervedura das vagas, a desfazer-se em espumas, ao quebrarem-se no qual grânico da penedia, sobre a qual aquêle palacet de verão, tornado agora residência permanente, um dia fóra edificado.

Quando nossos olhares se projectavam no rés da linha de balaustrada para o horizonte úmido como aguarela azul, mosqueado de bagubes de ondas e chofrado das tremulinas áureas do sol, sentia-se quasi invencivelmente a impressão de que vogávamos a arfar no «deck» de um vapor saindo a barra.

Para dentro o pequeno vilão da Torre de Belém era já distante, marco de alvo aceno do Tejo, e para o largo o avançado perfil militar da Cidadela, extremado a curva da baía, lânguida como anca de nereida, clamava-nos a desopressão silenciosa e meditativa de uma evasão para longe.

Esta sensação ajudou a recolhemo-nos na que nos parecia a noite mais romântica do aparelho de rádio, de que em Rennes, após a sua libertação e reconquista, às mulheres que, *unes par amour de l'argent, d'autres simplement par amour* — dizia o locutor — se haviam entregado ao ocupante e denunciado compatriotas ao fuzilamento, as tinham empilhado no salão de um cinema, depois de lhes raparem os cabelos e pintarem de lheras cruvas gamadas nos cocorutos das cabeças. A mesma voz acrescentou: *à tous les autres traitres nous les avons abatus.*

O oficial francês, tenente A..., que sentado dava costas ao sítio onde estava colocado o aparelho, virou-se bruscamente, ao zoarem-lhe aos ouvidos as palavras:

— *Par exemple...*

Do outro lado um sul-americano, silabando com sotaque da pampa, observou:

— Ontem, num dos jornais da tarde, li num telegrama esta frase: «Quando as tropas americanas entraram na Cidade, as represálias cessaram». É o quadro que sobremem ao findar das invasões — é das guerras civis. A história a repetir-se...

O tenente levantou-se e começou a cobrir a varanda às passadas.

— Sem dúvida, a última conflagração, entremetel eu, está cheia de barbaridades in-lasificáveis; os seus horrores ainda andam na memória das duas últimas gerações. Mas não é de reconhecer que todas, ainda as mais cruéis, já foram agravadas e ultrapassadas?

O tenente parou, para fixar em mim os seus olhos de bretão, e interrogar-me do alto da sua forte e ágil estatura de discóbolo:

— *Mais à qui la faute?*...

Uma senhora belga ocupou-lhe o bote, evocando a cruzada que ocupou através das rédes de arame farpado dos recintos onde se guardam os heróis da resistência.

— Eu sei bem o que isso custa. Tenho lá parentes...

A sua voz, ordinariamente volúvel e cantante como o seu olhar no ferir de mundanas ironias, tomou-se um dia severa de veredicto e revolta, e o semblante recamado à moda e um pouco *blafard* endureceu-se-lhe repentinamente em dois vincos de sofrimento e reprovação.

É assás provável que a conversa se congelasse nesta altura sob a contudência cortante destas reacções, e dois dos assistentes — ambos advogados, um de Bolonha, outro de Salamanca, e ambos em homizo neste caravansário de emigrados mais ou menos ilustres em que se voltou a denominada Costa do Sol — não houvessem tomado conta do pé em que ela ficava, para logo a repartir em diálogos.

— O facto é que — começou o primeiro — este crescendo de torturas em tal grau, que as horridas únicas não conceberam, corre paralelo à progressiva cientificação da guerra.

— Falta dizer porquê — voltou o colega espanhol. — Não vai com certeza reeditar que os modernos processos de guerrear excluem e banem o cavalheresco, o respeito e até a lealdade entre adversários. Isso é já para toda a gente uma das verdades de Mr. de La Plisse. Em qualquer caso, é uma consequência e não uma causa.

O tenente que, atraído pela volta que levava a conversa, viera escatar ante os interlocutores, amostrou uma casquinada:

— Havia a ver sua graça o *Tirez les premiers, messieurs, Anglais*, com tanques, forças motorizadas e a guerra relâmpago!

Mas a senhora belga que reencontrara de novo o seu espírito, saiu-lhe ao passo:

— Perfeitamente, meu amigo. Eu própria estou a admirar na sua corporatura o soldado moderno. Os senhores fazem a guerra com o mesmo arranço com que um *boxeur* se levanta da cadeira para entrar num *round*, ou com que se correm as maratonas. Desporto. Muito bem. Mas... — e às suas pupilas subiu o costumado sorriso da sua floreteada ironia — a guerra só é bela quando os grandes pinhões podem encocar os seus episódios. Ora não há detalhe capaz de extrair dos exércitos de hoje em campanha as cargas de cavalaria de Austerlitz e Wagram ou a Velha Guarda em Waterloo. Quando desaparecerem os penachos, a guerra deixou de ter *panache!* Confesse,

meu amigo, que a sua camisa degolada é mais pobre que a farda de Murat... E uma farda brilhante é a condição essencial para *les grands mots héroïques*, sem as quais não há história, e que deram renome aos generais de bigodes frisados.

Rimo-nos. Eu recordei uma velha e nobre senhora que diante da figura assás peluda do Marechal Saldanha nunca deixava de exclamar comovida: — «Que lindo!».

O tenente sorriu, e tirando fumaças do cachimbo, desta vez limitou-se a enfiar da gargante um daqueles sons de rodo do com que o coronel Bramble de Maurais surpia as respostas e os comentários.

Mas o doutor espanhol insistiu mais profundo e eloqüente:

— Isso de atribuir-se a origem das brutalidades da guerra mecanizada à falta de cavalleiresca fidelidade na permuta dos golpes, é do mesmo nulo valor que tentar filiar-se o terror da luta ou a luta pelo terror no mero facto do desaparecimento dos antigos exércitos de ofício. O Maurras inventou nisso mais uma das suas acusações aos princípios de 1789. Lá porque a Convenção lançou o apêlo da *nação às armas*, quis logo ver nesta expressão a idéa da concepção da *nação armada*. Quando, de facto, os chefes da Revolução Francesa quiseram somente chamar o *peço às armas*, sem conscrição, em defesa das fronteiras, onde éle, aliás, rto e bravo, se sublimou em Valmy. Não é lícito confundir este apêlo com o sistema quasi científico da *nação armada*, ou em armar a arrojada para a manha dos morticínios toda a população de um país, e esse sistema surtiu já muito depois de constituida a unidade imperial alemã...

— Além de que exércitos de ofício são inexcelsivelmente os de hoje. Nunca as carreiras militares foram de maior especialização técnica, nem os corpos e formações dos exércitos de mais estrita selecção... — notou o tenente.

Foi então que o catedrático bolonhês retomou a palavra:

— A origem dos factos que debatemos está na concepção da *guerra total*. Mas também ao contrário do que propala, ela não saiu de ponto em branco do cérebro do famoso Ludendorff, pois éste foi apenas o seu actualizador em face da experiência que uma guerra de quatro anos, mero esboço da actual, lhe ensina; antes provém dos doutrinários tudescos que foram os mestres do genial discípulo, doutrinários não só militares, mas sobretudo políticos, da hegemonia mundial do seu país e, mais ainda, da sua raça. É a concepção da *guerra total* é fundamental e radicalmente, na sua teoria e na sua execução prática, uma concepção agressiva ou ofensiva, de conquista. A simples defesa da independência nacional nas fronteiras jamais a exigiria... Pela mesma razão, para os chamados pequenos povos, que confiam no Direito e na Liberdade, éle é impossível de se efectivar. E por isto mesmo também os povos em quem a educação cívica do individuo-cidadão, baseada no respeito dos direitos da personalidade humana, alceira os regimes de Estado, e para quem a grandeza nacional se obtém e realiza por actos normais de acordos, pactos e referendos pacíficos, do tipo Comenius, não ou das constituições da Suíça e dos Estados Unidos, nunca idearam tão infernais doutrinas de massacre. E ainda por tudo isto mesmo o Cristianismo as repugna...

Nós seguíamos vivamente o desenvolvimento deste comentário crítico em que parecia repassar o hábito da cátedra.

O professor, porém, levou ao fim o seu raciocínio:

— Admitida a doutrina, a brutalidade está directamente na sua consequência. A *guerra total* é estruturalmente a mobilização integral de toda a população e de todos os recursos de um país, para a desencadear e sustentar; e desde que effectua os seus objectivos de conquista, são os países vencidos e não éle, o beneficiário da vitória pela *guerra total*, que têm necessariamente de lhes fornecer esses recursos. Não nos devemos espantar de que a ocupação dos países dominados ou entregues implique a drenagem e recolha à força de tudo quanto pode valer e servir para o seu dono desercionário, conserve a sua posição dominadora... e al dos vencidos!

A senhora belga que, como eu, escutara toda esta troca de impressões com interessada curiosidade, não se cobriu de sublinhar com certo quê de explosivo:

— *Une idéologie de brutes!*...

Eu já não suportio viver num mundo onde para tudo e para nada entrou em regra e em moda a palavra *total*. Hoje tudo é *total*. Desde as doutrinas constitucionais à grosseria, à violência, à velocidade e ao mudismo. O meio-térmo do equilíbrio, a *nuance* do incompleto, para o pormenor demasiadamente perfeito, que são, afinal, um predicado do bom gosto, desapareceram. Dantes dizia-se como na música: o bom-tom, agora totalizaram-se os costumes, e tudo é desconcertante como o «jazz», que mais não é do que a sonorização totalitária. A elegância de maneiras foi substituida pelo desalinho da desenvoltura *total*. Vestimos por comodidade, mas não vestimos com gosto, como não calçamos com gosto. *Volité pour la totalité!*

— E já não se edificam catedrais góticas.

## PEQUENA HISTÓRIA

### SÓSIAS...

Escasso lazer de desfastio, e a faca corta as páginas de um volume comprado ao acaso do camariz do título, como por exemplo, o de um tratado sobre as palavras cruzadas ou sobre as perguntas de provas escritas de instrução primária ou de curso liceal. Este entretém-nos sobre outra ordem dos problemas humanos: — a dos sócias, com fotografias ampliadas, e uma referência a casos históricos mais ou menos verosímiles como do romanciado «Máscara de Ferro».

Arma de tiranos chama-lhe o autor, e aduz a talho de foice que muitos os contrariam



a bom péso de ouro para que os substituíssem em cerimónias públicas e eventualmente como vítimas de conspirações, citando em abono de seus ditos casos a que a imaginação de Dumas (Pai) sorriria para tecer seus enredos.

— Ao cabo da leitura, as interrogações que sobrepararam nos misteriosos bastidores de muitos episódios tornam-se mais condensadas. Vi Hitler, em Abril de 1939, a metro e meio de mim, em Berlim, a entrar para o palácio da Ópera. Pergunto: — Seria éle o seu «sócia»? A respeito de Hitler, há quem jure, por exemplo, que éle morreu há muito. Há tempos, em «Cartas ao director» de uma gazeta londrina, dois leitores questionavam porque um afirmava ter visto Churchill em tal parte e a tal hora, e o outro contravelo-lhe que só podia ser um seu «sócia», visto que o Primeiro Ministro estava em local muito diferente. A semelhança fisionómica entre o czar Nicolau II e Jorge V passou por proverbial. Os homens de quem vemos as imagens ou notícias sendo os verdadeiros, ou vultos esboçados entre brumas? *Forse che sí, forse che no...*

\* \* \*

Vi há dias Diogo de Macedo, de longe, a entrar para o seu Museu de Arte Contemporânea. Já trocadas no dia da sua nomeação a minha alegria pela justiça que se lhe rendeu, e as suas palavras de tocante amizade, a distância a que estávamos e as suas passadas, só me deixaram apereber-lhe o vulto e o perfil no jeito «panaché» da cabeça. Ao dividi-lo, as recordações realumiaram em mim uma obra sua de grande escultor e uma página episódica do nosso tempo no Pôrto.

A obra admirável era, e é, o busto de Camilo que preside sobre feio plinto no jardim de Vila Nova de Fátima, graças à devoção baírista e ao gosto de Nuno Simões.

Havia, e há, na figura física de Camilo uma dificuldade de transposição: a do olhar. Ovíli dizer a meu pai que nêle e só nêle estava Camilo, o talento de Diogo de Macedo — que lhe vem pelo sangue da Escola de Gaia — resolveu-a num raspo: — cavou-lhe as órbitas fundas. Como na de certas caveiras, deixou a escuridão — sem olhos — falasse da tragédia brutal daquela tortura, aos olhos de quem al pá, como ante o recesso de um mistério sagrado.

Menezes do Vinhal, íntimo do romancista, exclamou para mim ao ver a obra: — Mas é éle!

A página do Pôrto, essa, foi o Saldo dos Humoristas, no antigo Passos Manuel, hoje demolido. A audácia em arte e em fundo, o riso a franzir-se como renda de ironias sem quebra. Diogo era um dos espalores com uma «Salomé» desenhando a música dos sistros. António Soares, um miniaturista de feminis belezas polviatadas, Cristiano Cruz, que depois viu em Angola, com e nota inesquecível de um recanto nocturno de Alfama, que tinha o silêncio triste dos bairros tristes. E Correia Dias, um iluminador soberbo. E a conferência de Lebre e Lima imitando o burgo com a defese petulante da pena de morte, o seu monólculo e a voz lenta dos seus versos...



## VENTURA JUIZ



— Quantos anos tem, minha senhora?...



— Sabe que é obrigada, por lei, a dizer a verdade, sob pena de multa!...



— E diga-me, senhor doutor juiz, é muito grande a multa?...

## Anedotas de guerra

### UMA HISTÓRIA DE PAPAGAIOS

Isto passou-se, segundo conta o «Illustré» de Lausana, antes dos grandes acontecimentos ultimamente ocorridos em França. Uma senhora de idade, que tinha um papagaio, alugou um quarto a um alemão. Invariavelmente, sempre que este passava, o papagaio gritava:

— «Os Aliados desembarcarão, os Aliados desembarcarão...»

Uma tarde, irritado com esta insistência, o alemão foi ter com a senhora e intimou-a a desfazer-se do papagaio, a partir do dia seguinte.

Tôda chorosa, a senhora vai ter com o seu cura e conta-lhe as suas mágoas. O padre, que também tem um papagaio, propõe-lhe uma troca, enquanto lá estiver o alemão, pois o dele é muito mais comedido. A senhora aceita. Leva o papagaio para casa do padre e põe na sua galola o que a este pertencia. Ainda nessa noite, o alemão, satisfeito porque pela última vez ouvira o atrevido, ao chegar a casa pergunta, sem perceber a troca:

— Então, os Aliados desembarcam ou não?

— «Deus o oiça, meu amigo! Deus o oiça, meu amigo!»

«NÃO VÁ...»

Sobre um caminho de areia movediça, avança uma companhia francesa. Anda em manobras e marcha em passos cadenciados. À entrada de uma aldeia, sob um sol escaldante, um grande réclame: «Para economizar os seus passos, não vá, telefone...»

### SERÁ VERDADE?

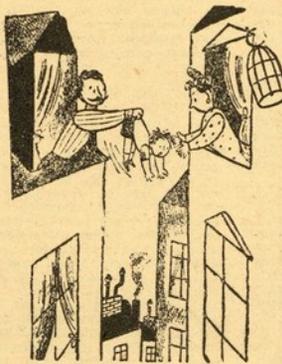
Os americanos acabam de apresentar um novo avião de transportes gigante — o «Mars», rival do «Mammouth» alemão. No regresso de uma viagem da frente do Mediterrâneo, onde havia ido levar material e tropas, ouviu-se um estranho rom-rom. O piloto mandou então o mecânico ver o que se passava na carlinga, pois o ruído cessara. Pouco depois, o mecânico voltou:

— Não foi nada. Esqueci-me de fechar as janelas e os «Messerschmitts» entraram por um lado e saíram pelo outro...



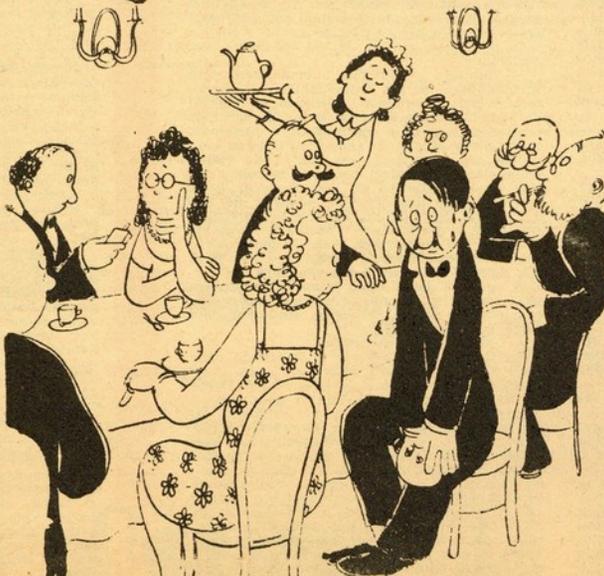
— Emprestei cem escudos ao Tavares, mas estou com medo que se negue a pagá-los, porque nem sequer passou recibo...

— Homem, escreve-lhe a pedir-lhe trezentos, que ele logo te responde que são cem...



— Ai vai, vizinha, tome conta que eu já lá vou buscá-lo...

## Tragédia familiar



VISITA: — Santo Deus, meti a mão dentro do açucareiro e agora não sei como a hei-de tirar...



## PÓ D'ARROZ "MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR, ALIADA ÀS MAIS MODERNAS E LINDAS CÓRES

À VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



O Livro do Momento

## A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Por RAFAEL MARÇAL

## Cabelos cheios de sol



«Lavalan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª D.ª — Telefone 43582.

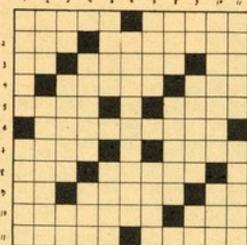


## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 43

Por João Manuel Marques Carolino

(Nelas)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Pesar; limpar. 2 — Fieira; pôsto em circulação. 3 — letra grega; querido; artigo definido (pl.). 4 — Vogal; chapa; agora. 5 — Não vulgar; preposição; altares. 6 — Persuadir. 7 — Parreira; artigo; vila portuguesa. 8 — Gavinha; mentira; vogal. 9 — Nota musical; viração; artigo definido. 10 — Comparação; ocasião. 11 — Defesas (inv.); metal (pl.).

**VERTICAIS:** 1 — Anta do Brasil; interpretar. 2 — Lá; animal celeratado. 3 — Batráquio; iguaria à refeição; nota musical (inv.). 4 — Artigo; oculta; lagarta que come as folhas de couve. 5 — Luta; preposição; intuito (inv.). 6 — Macaqueio. 7 — Azáfama; vogal; queimo. 8 — Uno; parte em toros; vogal. 9 — Olhei; rezava; semelhança. 10 — Amara; enseo. 11 — Flores; alegrias.

PROBLEMA N.º 44

Solução

**HORIZONTAIS:** 1 — Zuche; audaz. 2 — An; la. 3 — Ria; aos; lei. 4 — Rafar; atoar. 5 — Era; itu. 6 — Vi; ré. 7 — Til; coa. 8 — Amara; lacre. 9 — Por; iva; aal. 10 — As; pi. 11 — Zarro; sazaç.

**VERTICAIS:** 1 — Zarro; capaz. 2 — Unia; Mosa. 3 — Areltar. 4 — Hu; ar; ir; ma. 5 — Ara; lai. 6 — Lo; vá. 7 — Sai; cla. 8 — Ui; tt; oa; cá. 9 — Louraca. 10 — Alea; rapa. 11 — Zaira; feliz.

## DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

(Espanha)

- 1.º Concurso Internacional de Problemistas de «Damas»
- 2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

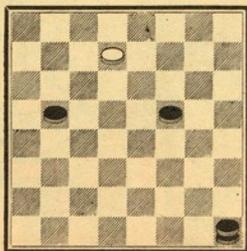
COMPOSIÇÃO N.º 13

(Final artístico)

«La Provincia», 14-9-44 — Las Palmas (Espanha)

Lema: «Iris»

Pretas: 1 «dama» e 2 «pedras»



Branças: 1 «pedra»

As brancas jogam e empatam.

## CLASSIFICAÇÃO DOS SOLUCIONISTAS DO C. I. P. D.

(Até à composição n.º 2, inclusivé)

Manuel Delgado (Tenerife)	11 pontos
Luis Bueno (Sevilha).....	11 »
Atelmar (Lisboa).....	8 »
J. Baú (Valência).....	8 »
Carlos Pereira (Lisboa)...	9 »
F. Almeida (Almeirim)...	14 »
F. Henriques (Almeirim)	14 »
A. S. Fulgêncio (Almeirim)	14 »
J. Nieto (Madrid).....	15 »
Eleutimo Alvarez (Lisboa)	6 »

1.º «MATCH» INTERNACIONAL DE «DAMAS»

Já estão inscritos para esta grandiosa prova os seguintes jogadores de 1.ª categoria da Federação Damista Canária: Dr. Carlos R. Lafora. Eutiquiano Hernández. Javier R. Puig.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos R. Lafora

(Continuação)

Réplicas arbitrarias das pretas

Assim, o final será uma composição corrente de precisão que se resolve num número ilimitado de jogadas. Este parágrafo dá-nos a chave da confusão do nosso bom amigo. Este não se fixou na divisão que fazíamos dos finais em finais artísticos ou finais (própriamente ditos) e finais técnicos ou estudos. Vamos, pois, tratar de levar a luz ao seu espírito, para o que começaremos por copiar as palavras do nosso malogrado amigo e grande compositor catalão de finais e problemas, Dr. Puig y Puig, o qual, nuns comentários a 150 finais artísticos (de xadrez) de H. Rink, dizia:

A DEFINIÇÃO

Há em xadrez um grupo de composições a que se deu a denominação genérica de «Problemas», que mesmo assim corresponde aos chamados «Modernos Finais de Partidas». Ambas as classes de composição são irmãs e podem incluir-se numa mesma definição.

(Continua no próximo número)

ATENÇÃO

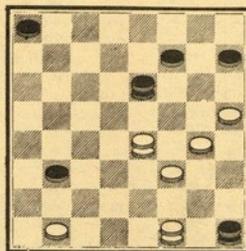
O lema da composição n.º 10 não é «Amisión», como safu, mas sim «Asunción».

O lema da composição n.º 12 é Lusíada IV.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 50 (Concurso)

Por Lusíada (Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 49

Solução

18-21	6-11	10-13	22-27
16-7	15-6	19-17	29-22

27-30 ; 30-2 ganham.  
17-26 P.

## ESTUDO DE UMA VARIANTE INÉDITA NA ABERTURA 10-14

Por Francisco A. Henriques (Almeirim) (Continuação)

Outra vez à 10.ª jogada (diagrama n.º 1) as pretas não continuam com 23-19 nem 22-19, mas sim com

25-21	25-21
30-27 (d)	30-27 (d)
23-19 (c)	23-19 (c)
24-15	24-15
18-9	18-9
9-2	9-2
2-11	2-11
15-11	15-11
21-18	21-18
18-9 e, replicando com as jogadas mais firmes, empatam.	18-9 e, replicando com as jogadas mais firmes, empatam.

(c) Se

28-25	28-25
18-11	18-11
21-18	21-18
22-19	22-19
27-18	27-18
24-15	24-15
17-21	17-21
ganham.	ganham.

(d) Se jogasse 23-19, as pretas ganhavam com 16-20 seguido de 20-23, como na hipótese inicial deste estudo.

Novamente à 10.ª jogada (diagrama n.º 1) não replicam as pretas com 23-19, 22-19 ou 25-21, mas com

26-21	26-21
30-26 (g)	30-26 (g)
18-14 (e)	18-14 (e)
22-15	22-15
6-11 e 14.ª	6-11 e 14.ª
3-28	3-28
ganham.	ganham.

(e) Se

23-19	23-19
19-12	19-12
24-20	24-20
18-14	18-14
22-19	22-19
21-14	21-14
26-22 (f)	26-22 (f)
31-22	31-22
29-26	29-26
14-7	14-7
22-18 (ou 25-21)	22-18 (ou 25-21)
23-19	23-19
18-11	18-11
21-18	21-18
22-15	22-15

(f) Se

19-15	19-15
6-11 ganham.	6-11 ganham.
19-15	19-15
31-27	31-27
26-22	26-22
3-7	3-7
17-21 ganham.	17-21 ganham.

(g) Se

23-19	23-19
19-12	19-12
30-21	30-21
21-17	21-17
29-26	29-26
26-21	26-21
24-15	24-15
31-27	31-27
20-23	20-23
ganham.	ganham.

De novo à 10.ª jogada (diagrama n.º 1) não contestam as pretas com 23 ou 22-19, 25 ou 26-21, mas com

30-27	30-27
23-19 (h)	23-19 (h)
19-12	19-12
6-11	6-11
11-15	11-15
16-20	16-20
10-14	10-14
ganham.	ganham.

(h) Se

22-19	22-19
26-19	26-19
27-18	27-18
10-13	10-13
ganham.	ganham.

Ainda à 10.ª jogada (diagrama n.º 1) não respondem as pretas por nenhuma das formas expostas, mas com

31-28	31-28
23-19 (i)	23-19 (i)
18-12	18-12
18-9	18-9
9-2	9-2
2-20 e, embora sendo melhor jogo o das brancas, as pretas podem, jogando bem, alcançar o empate.	2-20 e, embora sendo melhor jogo o das brancas, as pretas podem, jogando bem, alcançar o empate.

(i) Se jogassem 26-21: brancas 13-17, prosseguindo o jogo análogamente a uma hipótese já apresentada.

E se

25-21	25-21
22-19	22-19
13-17	13-17
12-18	12-18
(Continua no próximo número)	(Continua no próximo número)

## PETRÓLEO PIVER

PARA

## KA QUEDA DOS CABELOS

O petróleo, hidro-carboneto saturado, sob a forma de óleo mineral, é um dos melhores agentes que se conhece para a saúde do cabelo.

Justificam-no as exuberantes e belas cabeleiras dos trabalhadores dos seus jazigos.

O PETRÓLEO «PIVER», aproveitando tudo quanto de útil oferece o petróleo em ramo, combinou com outros produtos que multiplicam, consideravelmente, o seu poder como técnico capilar, tornando-o, assim, num poderoso auxiliar para conservar e fortalecer o cabelo.

LT. PIVER

Possante é o leão...



...Mais possante ainda é o

## CASULO Limpa-Fatos

na sua infatigável e meritória faina contra o LUSTRO e as NÓDOAS DA ROUPA.

Este incomparável produto, síntese admirável de 6 substâncias químicas inofensivas, elimina por completo o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e torna os fatos como novos e mais duráveis.

Só custa 2\$50

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER

& ALMEIDA

Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA



Dirigido por Augusto Teixeira Marques

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

# TANGO ARGENTINO

Canta de MANUEL ANSELMO  
Ilustração de RUDY

FEZ-SE noite depressa e tóda a aldeia de Valadares do Minho parecia sófrega daquêle luar gôrdo que espalhara pelos campos uma neve fluída — que não condizia, aliás, com a que iluminava, pelas manhãs friorentas, o cume do monte da Senhora da Graça. As raparigas da sociedade, desde a Valinha à Portela, acolheram festivamente a chegada das trevas, pois era naquela noite que iria celebrar-se o anunciado baile na Casa da Nogueira, propriedade da senhora brasileira casada com o sr. Noronha.

Na Valinha, a mais de um quilómetro de distância, preparavam-se as Sá, cinco morenas consideradas naquelas redondezas como as mais prendadas de dons mundanos. Do lugar do Paço, apenas a Mariquinhas, com o seu lindo corpo de tanagra grega, fóra convidada. Sua prima, a Lélé, estava com um antraz impertinente e não podia comparecer. Da Portela, sitio que dormia um doce sono vegetal, um pouco abaixo da capela de Santa Luzia, também propriedade da Casa da Nogueira, sabia-se que não faltaria a sr.<sup>a</sup> D. Rufina, velhota que estremecia aquelas festas e trazia sempre consigo, como que para justificar a sua garrulice tão simpática de todos, duas sobrinhas louras mas incompreensivelmente morenas. Da aldeia de Penso, já do concelho limítrofe, só se esperava que viessem rapazes. O mesmo de Melgaço, pois as senhoras sizudas achavam que os treze quilómetros de distância até Valadares eram argumento suficiente de escusa, sobretudo naquele inverno de noites inclementes.

A sr.<sup>a</sup> D. Anália, da Casa da Nogueira, casada em segundas núpcias com o sr. Noronha, antigo estucador de Vila Nova de Gaia, esperava com ansiedade que o relógio de mogno da sala de jantar batesse as nove horas. Tinha nascido no Rio de Janeiro e aí, quando morava em Copacabana, encontrara um minhoto endinheirado que conseguira conquistar-lhe o coração. Do casamento à viuvez, sucedida na sua segunda visita ao país do seu idolatrado José, decorreram apenas sete anos. O resultado desse curto matrimónio cifrava-se, contudo, em quatro filhas vivas e em dois falecidos e infelizes rapazes. Em Avintes, essa namorada do mais barrento dos nossos rios, o Douro, seu marido falecera-lhe nos braços fulminado por uma congestão inesperada. Mas logo depois, cêrca de dezóito meses após o funeral, o seu mefistofélico compadre, o conselheiro Atouguia, aconselhara-lhe, até mesmo por motivos de necessária economia, que celebrasse novo himeneu com um jovem estucador estabelecido em Vila Nova de Gaia, o sr. Noronha, muito considerado pelo seu porte, e que saberia defender pela vida fora os gordos cobres que a D. Anália recebera da meação do falecido José Gonçalves e se mostravam arriscados, durante a viuvez, a desaparecer com as contínuas dissipações e generosidades da linda viúva de olhos verdes. A sr.<sup>a</sup> D. Anália, que amava a vida sinceramente e nunca acreditou no ágio do ouro, transferiu para aquêle mendigo de amor e de títulos de crédito tudo o que possuía, sem esquecer uma malícia vermelha que dava ao seu

sorriso o gôsto ácido, mas ardente, das romãs. Agora, com mais duas filhas provenientes desse matrimónio que ela concordava que fóra, apesar de tudo, inteligente, a sua única evasão eram aquêles bailes que lhe recordavam a sua vida folgazã de Lisboa durante a efêmera viuvez, no seu palacete da Estefânia. As Sá, na Valinha, eram as predilectas da sua filha mais nova, a Marôta (Maria Noronha Mota de baptismo, mas Marôta no diminutivo familiar). As filhas mais velhas, de esmerada educação recebida nos melhores colégios de Portugal, eram um tudo nada desprezadoras daquelas noites esdruxulas em que, com a Marôta ao piano, até as valsas de Strauss pareciam reproduzir os desmaios do luar, sempre romântico em Valadares do Minho, pois tão bem sabia distribuir prata diluída pelos jardins e casais dessa linda região alto-minhota.

O baile dessa noite havia despertado a ansiosa curiosidade de todos, até mesmo porque o noivo da Marta, ou melhor, o actual segundo noivo de tão entusiasmada toutinegra, se tinha formado em Medicina e regressava ao húmus natal, cheio de esperanças matrimoniais. O sr. Noronha, homem honesto, circunspecto, económico ao máximo, entendia que a sua filha só deveria casar quando o futuro genro, o dr. Tripa Sêca, obtivesse colocação. O velho dr. Macedo, único médico em dezasseis aldeias das re-

gões do primeiro nãno da Marôta com o janota do Bosque, actualmente em Tuy, e com os vários galãs de Viana do Castelo que se gabavam de beijos deliciosos, demorados, entendia também que era melhor obrigar o velho padre Diniz a um quanto mais próximo possível matrimónio reparador. Demais a mais, o pobre Tripa Sêca (assim era conhecido entre os seus contemporâneos de Coimbra por causa

da sua excessiva magreza e deselegância física), não passava de um idiota chapado. E como o que êle desejava, sobretudo, naquele casamento, era o dinheirinho que pudesse vir a ser roubado às filhas do primeiro matrimónio, porque hesitar?

Apenas o luar de Valadares do Minho, cujo paladar rescendia a rosas de todo o ano, negava razão ao iludido Tripa Sêca...

\* \* \*

Sôa um tango argentino nos acordes do piano. Logo a Maria Augusta Sá, a mais velha das da Valinha, afirmou que era a «Plegária» — nessa altura ainda não muito em voga. Efectivamente, qualquer coisa parecia com um gemido involuntário estremecida nas melodias que choravam intermitentemente o desgôsto de amor de uma vencida, e as lágrimas tristíssimas do perfume de um nardo sevilhano. A pampa argentina sofria, naquela música enfeitada, os tormentos violáceos debruçados de um poente esbrazeado, colérico. Só a Marôta dançava alegremente com o seu par, que não era o Tripa Sêca. Era o irmão mais velho das Sá. E ouvia palavras de amor, uma verdadeira serenata de carinhos. Enquanto a «Plegária» fazia subir e descer a sua canção melancólica naquelas almas entusiasmadas pelo luar que distribuía ternura fluída lá fora, no próprio quintal da linda casa da sr.<sup>a</sup> D. Amália, tão ambicionada pelo Tripa Sêca — a Marôta ia reconsiderando na sua sorte. «Valeria a pena ir casar com um contrabandista do amor como era aquêle pelintra desprezível que se mostrava tão interessado, desde já, nos títulos de crédito e nos campos de Santa Luzia da herança do futuro sogro? Não seria preferível, antes, alumiarmos os olhos negros do seu par com uma promessa de amor?»

\* \* \*

O Tripa Sêca, entretanto, bebia vinho branco na sala de jantar. O sr. Noronha

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup> — Trav. Condessa do Rio, 27